

373

teatro

EDIÇÕES DO CÍRCULO DE CULTURA TEATRAL

QUANTO IMPORTA SER LEAL
de Oscar Wilde

2

q

NOTA DE ABERTURA DO PROGRAMA

MORRER na penitência ou no abandono, parece ser destino dos que manejam o humor como um lâtego. É que o chicote com os dentes da ironia dói mais que armado de outro modo é, quando o sítio onde assenta é o lombo dos poderosos, coitado de quem o brandir! Ao Judeu puseram-lhe o sambenito e rechinaram-lhe a pele e o osso, que pouca carne devia ter ao fim dos tratos e do cárcere. Ao Wilde, depois do julgamento e da cadeia desonrantes, só lhe ficaram, no exílio, meia dúzia de gatos para o acompanharem no enterro. Mas o destino também gosta de brinquedos ao que parece, pois faz voltar-se, passados anos, o feitiço contra o feiticeiro. O pó dos poderosos confunde-se com o pó dos fracos no silêncio dos cemitérios e só por vezes lhes apaga o esquecimento a voz dos justicados que continua pelos séculos fora, mais forte do que a deles, a rir e a fazer rir as gerações da sua estupidez, da sua cúpida mesquinharia e da futilidade vazia da sua risível petulância.

É que essa voz que nos faz rir ainda, como fará rir os nossos netos, durante as cenas deliciosas mas crudelíssimas desta peça.

Wilde chamou ao *The Importance of Being Earnest* discretamente assim: — a play. Mas pela maneira como a escreveu e até por certas rubricas esclarecedoras do modo como a queria representada, parece-me impossível ou claramente errado não a interpretar como uma farsa.

Assim o tentámos, conscientes da tremendíssima dificuldade que há em fazê-lo, sem confundir esse nobilíssimo género com a baixa comédia, apenas destinada grosseiramente

à gargalhada. É que o riso, na farsa, tem de ser consequência inevitável e não propósito ou finalidade... e para cá e para lá do riso, anda implícita uma estilística da ironia com mais que ver com a compreensão e com a inteligência do que qualquer outra das formas de teatro, naturalmente dirigidas sobretudo à sensibilidade e à emoção. Por isso a sua exigência. Por isso essa dificuldade, agravada, no caso de Wilde, pela graça duma linguagem a um tempo rebuscadamente literária e perfeitamente fluente.

Para o tradutor, o óbice inicial era o encontro duma palavra correspondente ao duplo sentido de Earnest, que lhe parece ter sido conseguido com o Leal. Earnest é seguro, adjectivo que se não substantiva viávelmente como nome próprio de ninguém... Nas traduções francesas, o Constant e o Aimé mudam o jogo de palavras fundamentalmente necessário. A dificuldade parece-me melhor resolvida em português, pois embora Leal seja apenas vulgar como apelido, acontece poder perfeitamente aceitar-se como nome próprio e em certos nomes conhecidos, como Leal da Câmara, por exemplo, funciona para o nosso ouvido como se o fosse realmente.

Para o encenador o problema principal era encontrar um desenho da acção que fosse caricatural da elegância sem deixar de ser elegante e em que o total absurdo das situações se impusesse logicamente em consequência do absurdo social das figuras que o desencadeiam. Desnaturalizar a representação e desenvolvê-la num clima totalmente fictício, pedindo ao cenógrafo que realizasse, nesse espírito, uma

pastiche moderna da decoração victoriana, pareceu-lhe, em princípio uma solução.

Para os actores, como o encenador obrigados a rápidas reviravoltas de estilo e de processos, na dependência voluntária dum programa por princípio ecléctico, ao serviço dum conhecimento do Teatro nos seus mais diversos aspectos e orientações, além do custo maior, que é o de sempre e vem deste camaleonismo obrigatório, a dificuldade pior era a do rigor dum estilo victoriano que só os ingleses sabem realmente realizar. Ladeou-se o problema, se se não resolveu, desistindo dele e, como no cenário, optando por uma caricatura ao traço de hoje das estampas de 1900.

DISTRIBUIÇÃO

João Worthing	<i>Baptista Fernandes</i>
Algernon Moncrief.	<i>Vasco de Lima Couto</i>
Cônego Chusuble	<i>João Guedes</i>
Merriman, o mordomo	<i>Pedro Santos</i>
Lane, criado	<i>José Brás</i>
Lady Bracknell	<i>Dalila Rocha</i>
Gwendolen Fairfax	<i>Fernanda Gonçalves</i>
Cecilia Cardew	<i>Alda Rodrigues</i>
Miss Prism, a preceptora	<i>Candida Maria</i>

Cenários e Figurinos de *Mário Alberto*

Luzes: *Fernando Teixeira*

Ponto: *Lopes Valente*

Contra-regra: *Jorge Cortez-Real*

Maquinista: *José Ribeiro*

O 1.º Acto passa-se na residência de Algernon Moncrief, em Londres;
O 2.º Acto no jardim de Manor House, a casa de campo de João Worthing;
O 3.º Acto na sala de visitas da mesma casa.

EPBCA VITORIANA

1960

IMPRENSA SOCIAL
Secção da Comp. do P. Portuense
Rua de Camões, 576 — PORTO

OSCAR WILDE

QUANTO IMPORTA SER LEAL

(THE IMPORTANCE OF BEING EARNEST)



PEÇA EM 3 ACTOS
TRADUZIDA E ENCENADA
POR ANTÓNIO PEDRO

REPRESENTADA PELA
COMPANHIA DO TEATRO
EXPERIMENTAL DO PORTO

ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA E ARTES DO ESPETÁCULO BIBLIOTECA
Data: _____
Número: <u>373</u>
Classificação: <u>OSCAR WILDE</u>

REPERTÓRIO DO TEP

EDIÇÃO DO
CÍRCULO DE CULTURA TEATRAL
TRAVESSA DE PASSOS MANGEL, 9 - PORTO

QUANTO IMPORTA SER LEAL

ESPECTÁCULO AUTORIZADO
PARA MAIORES DE 12 ANOS

REALIZADO PELA
COMPANHIA DO TEATRO
EXPERIMENTAL DO PORTO
A PARTIR DE
9 DE MARÇO DE 1960

SUBSIDIADO PELO FUNDO
DE TEATRO
E PELA FUNDAÇÃO
GULBENKIAN

BREVE NOTA SOBRE OSCAR WILDE

OSCAR Wilde nasceu em Dublin em 1856. Começou a celebrar-se, estudante ainda em Oxford. Em Londres e em Paris, onde viveu por largas épocas, conheceu os maiores êxitos e criou com a sua ironia, os seus ditos e o seu talento as maiores inimizades e invejas. Depois de ter chegado a ver representadas as suas peças em três teatros ao mesmo tempo, um julgamento e uma condenação infamante a dois anos de trabalhos forçados, fecharam-lhe todas as portas. Os filhos deixaram de usar o seu nome e ele próprio escondendo-o sob o pseudónimo de Helmoth, recolheu-se a um modesto hotel de Paris onde morreu, pobre e desgraçado, em 1900.

Além das «Intenções» e de numerosos contos, as suas principais obras são peças de teatro. «Salomé», «O Leque de Lady Windermere», «O Marido Ideal» e este «Quanto importa ser Leal» que ora se publica e é considerado uma das obras-primas do teatro cómico do mundo.

QUANTO IMPORTA SER LEAL

1.º ACTO

Sala luxuosa e artisticamente mobilada na residência de Algernon. Ouve-se tocar um piano no salão ao lado. Lane põe a mesa do chá. Depois de parar a música, entra Algernon.

ALGERNON — Lane, ouviste o que estive a tocar?

LANE — Achei que era indelicado estar à escuta.

ALGERNON — Lamento-o por ti. Não toco com excessiva correcção — com grande correcção qualquer pessoa pode tocar — mas tenho uma expressão admirável. No piano, o meu forte é o sentimento. A ciência reservo-a para a vida.

LANE — Sim, senhor Moncrief.

ALGERNON — E a propósito de ciência da vida, já mandaste fazer as sanduíches de pepino para Lady Bracknell?

LANE — Já, sim senhor. Estão aqui. *(Mostra-lhas num prato)*.

ALGERNON *(depois de examiná-las, de pegar em duas e voltar a sentar-se)* — Ah, é verdade... a propósito, Lane, vi pela tua conta que, na quinta-feira à noite, quando jantaram comigo Lord Shoreman e o senhor Worthing, se gastaram oito garrafas de champagne.

LANE — Sim, senhor Moncrief. Oito garrafas e meia.
ALGERNON — Porque será que em casa de um homem solteiro os criados invariavelmente bebem champanhe? Pergunto apenas a título de informação.
LANE — Talvez porque o vinho seja bom, senhor Moncrief. Tenho muitas vezes observado que nas casas de gente casada é raro o champanhe ser de apetecer.
ALGERNON — Santo Deus! O casamento é assim tão desmoralizador?
LANE — Creio que é um estado muito agradável, senhor Moncrief. Eu, por mim, falta-me prática. Só casei uma vez. É isso aconteceu em consequência de um mal-entendido...
ALGERNON (*preguiçosamente*) — Não creio que a tua vida familiar me interesse excepcionalmente, Lane.
LANE — Não, não senhor Moncrief. Não é assunto de interesse. Nem eu penso nela muitas vezes.
ALGERNON — É naturalíssimo. Está bem Lane, obrigado.
LANE — Obrigado eu, senhor Moncrief. (*Sai*).
ALGERNON — As ideias do Lane sobre o casamento são bastante senseboronas. E isto é mau, pois se as classes baixas não derem os bons exemplos, para que diabo servem então? Parece, no entanto, não terem nenhuma noção da responsabilidade moral. (*Entra Lane*).
LANE — O senhor Leal Worthing. (*Entra João. Sai Lane*).
ALGERNON — Como estás, meu caro Leal? Que te traz à cidade?
JOÃO — O prazer, é claro! Que outra coisa leva a gente a qualquer parte? Como de costume, a comer, Algy!
ALGERNON (*empertigadamente*) — Creio que é de muito bom tom tomar o chá das cinco. Por onde tens andado desde quinta-feira?
JOÃO (*sentando-se num sofá*) — Tenho estado na aldeia.

ALGERNON — E que diabo fazes tu por lá?
JOÃO (*descalçando as luvas*) — Quando a gente está na cidade, diverte-se. Quando está na aldeia, diverte os outros. É aborrecidíssimo.
ALGERNON — E quem é que tu divertes?
JOÃO (*distraidamente*) — Os vizinhos...
ALGERNON — E há bons vizinhos, lá em Shropshire?
JOÃO — Horríveis! Nunca falo com ninguém.
ALGERNON — Ah, então deves divertir-te imenso. A propósito: moras em Shropshire, não é?
JOÃO — Shropshire? É claro. Eia! Para que são todas estas xicaras? Sanduíches de pepino? Quem dá origem a tão louca extravagância num rapaz tão novo? Quem vem tomar chá?
ALGERNON — Simplesmente a tia Augusta e a Gwendolen.
JOÃO — Admirável!
ALGERNON — Sim, é verdade... mas receio que a tia Augusta não concorde com a tua presença aqui.
JOÃO — E posso perguntar porquê?
ALGERNON — Meu caro, o namoro que fazes à Gwendolen é indecente. É quase tão mau como o namoro que ela te faz a ti.
JOÃO — Eu estou apaixonado pela Gwendolen. Vim de propósito à cidade para lhe propor casamento.
ALGERNON — Pensava que tinhas vindo por prazer... A esse género de coisas chamo eu negócios.
JOÃO — Não és nada romântico!
ALGERNON — Realmente não vejo nada de romântico numa proposta de casamento. Muito romântico é estar apaixonado. Mas não há romantismo nenhum numa coisa que se propõe e que pode ser aceite. E é o que acontece geralmente. Perde-se toda a excitação.

A verdadeira essência do romance é a incerteza. Se um dia me casar, hei-de fazer o que puder para esquecer esse incidente.

JOÃO — Não tenho dúvidas, meu caro Algy. A lei do divórcio foi especialmente inventada para pessoas cuja memória é assim tão curiosamente constituída.

ALGERNON — Não serve de nada aprofundar o assunto. O divórcio e a mortalha no Céu se talha... (João estende a mão para pegar numa sanduiche. Algernon intervém imediatamente) — Faz o favor de não tocares nas sanduiches de pepino. Foram mandadas fazer especialmente para a tia Augusta. (Tira uma e come-a).

JOÃO — Mas tu tens estado sempre a comê-las.

ALGERNON — O meu caso é inteiramente diferente. Ela é minha tia. (Pega num prato) Serve-te de pão com manteiga. O pão com manteiga é para a Gwendolen. A Gwendolen dedica-se ao pão com manteiga.

JOÃO (servindo-se) — E que esplêndido pão com manteiga!

ALGERNON — Bem, meu caro, não precisas de proceder como se fosses comê-lo todo. Fazes como se já estivesses casado. Ainda não casaste... nem me parece que venhas a casar.

JOÃO — Porque dizes isso?

ALGERNON — Bem, em primeiro lugar porque as raparigas nunca se casam com os homens que namoram. Não acham isso bem.

JOÃO — Disparate!

ALGERNON — Não é. É uma grande verdade e a explicação do extraordinário número de solteiros que andam por aí. Em segundo lugar, não dou o meu consentimento.

JOÃO — O teu consentimento?

ALGERNON — Meu caro Leal, a Gwendolen é minha

prima. Antes de eu te deixar casar com ela, terás de esclarecer o caso da Cecília. (Toca a campainha)

JOÃO — Cecília! Mas... que queres tu dizer com esse nome? Não conheço nenhuma Cecília! (Entra Lane)

ALGERNON — Traz-me aquela cigareira que o senhor Worthing deixou na sala de fumo na última vez em que cá jantou.

LANE — Sim, senhor Moncrief. (Sai).

JOÃO — Queres dizer que ficaste com a minha cigareira durante todo este tempo? Devias ter-mo dito. Escrevi cartas desesperadas à policia. Estive quase a oferecer alvissaras.

ALGERNON — Podes oferecê-las a mim. Acontece que me encontro mais depenado ainda do que é costume.

JOÃO — Não vale a pena oferecer alvissaras, agora que a cigareira apareceu. (Entra Lane com a cigareira numa salva. Algernon pega nela imediatamente. Sai Lane).

ALGERNON — Devo dizer-te, Leal, que isto me parece uma sovínice indecente da tua parte. (Abre a cigareira e examina-a). Não faz mal, pois, vendo agora o que está gravado aqui dentro, verifico que afinal de contas não é tua.

JOÃO — É claro que é minha. (Aproximando-se). Vis-te-me com ela centenas de vezes, e não tens absolutamente nenhum direito de ler o que ela tem escrito. É uma falta de delicadeza ler o que está escrito dentro de uma cigareira.

ALGERNON — É absurdo fixar em regras rígidas o que se deve e o que se não deve ler. Mais de metade da cultura moderna depende do que se não deveria ter lido.

JOÃO — Sei isso perfeitamente e não pretendo discutir a

cultura moderna. Não é assunto para conversas íntimas. O que quero é a minha cigarreira.

ALGERNON — Está bem; mas esta não é a tua cigarreira. Esta cigarreira foi oferecida por uma pessoa chamada Cecília e tu disseste que não conheces ninguém com esse nome.

JOÃO — Bem, se queres saber, Cecília é o nome de minha tia.

ALGERNON — Tua tia!

JOÃO — Sim. Uma tia encantadora, já de idade. Mora em Tunbridge Wells. Dá-ma cá.

ALGERNON — Mas porque se chama ela a si mesmo a pequena Cecílinha, se é tua tia e mora em Tunbridge Wells? (*Lendo*). «Da pequena Cecílinha, com o mais terno afecto».

JOÃO — Então que tem? Umaς tias são grandes, outras pequenas e usam diminutivo. É um assunto em que, sem dúvida nenhuma, qualquer tia pode ter liberdade para decidir. Parece que entendes que todas as tias devem ser exactamente como a tua! É absurdo! Por amor de Deus: restitui-me a minha cigarreira. (*Segue Algernon á volta da sala*).

ALGERNON — Pois sim. Mas faz-me curiosidade saber porque é que a tua tia te chama a ti seu tio? «Da pequena Cecílinha com o mais terno afecto, ao seu querido tio João». Admito que não haja nada a objectar pelo facto de uma tia ser pequena, mas uma tia, seja de que tamanho for, chamar tio ao sobrinho, isso é que eu não posso compreender. De mais a mais, tu não te chamas João. O teu nome é Leal.

JOÃO — Não é Leal, é João.

ALGERNON — Disseste-me sempre que eras Leal. Tenho-te apresentado a toda a gente como Leal. Tu dás sempre

pelo nome de Leal. Vê-se mesmo na tua cara que te chamas Leal. Nunca vi homem que tanto desse a impressão de ser Leal como tu. É inteiramente absurdo dizeres que te não chamas Leal. Está nos teus cartões de visita. Aqui está um. (*Tira um da cigarreira*). «Leal Worthing, B4, The Albany». Guardo este exemplar como prova de que o teu nome é Leal, se alguma vez tentares negar-mo, ou a Gwendolen, ou a qualquer outra pessoa. (*Mete o cartão no bolso*).

JOÃO — Bem: Sou Leal na cidade, João na aldeia e a cigarreira foi-me dada na aldeia.

ALGERNON — Sim, mas isso não explica o facto de a tua tia Cecília, que mora em Tunbridge Wells, te chamar seu querido tio. Vamos, meu velho, era muito melhor pôr tudo em pratos limpos. Tenho de te arrancar a verdade imediatamente.

JOÃO — Meu caro Algy, falas em arrancar exactamente como se fosses um dentista. É muito vulgar falar-se como um dentista sem se ser dentista e isso é mau. Produz uma impressão errada.

ALGERNON — É exactamente o que os dentistas fazem. Agora, vamos a isto! Conta-me tudo. Posso confessar-te que sempre desconfiei de que tu eras um autêntico bumburista. Tenho agora a certeza.

JOÃO — Bumburista? Que diabo quer isso dizer?

ALGERNON — Revelar-te-ei a significação dessa incomparável expressão logo que tenhas a bondade de me explicar porque é que és Leal na cidade e João na aldeia.

JOÃO — Primeiro dá-me cá a minha cigarreira.

ALGERNON — Aqui a tens. (*Dá-lhe a cigarreira*). Agora quero a tua explicação inverosímil. (*Senta-se no sofá*). Prefiro que seja inverosímil.

JOÃO — Na minha explicação não há nada de inverosímil. É perfeitamente simples. O velho senhor Tomás Cardew, que me adoptou em rapazito, nomeou-me, no testamento, tutor da sua neta Cecília Cardew. Esta menina, que me trata como tio por motivos de respeito que tu com certeza não podes apreciar, mora lá perto da minha aldeia, em companhia de uma admirável preceptora, Miss Prism.

ALGERNON — E onde é que ela mora?

JOÃO — Não tens nada com isso. Ninguém te convidará a ir lá passar o fim de semana... Posso dizer-te lealmente que não é em Shropshire.

ALGERNON — Assim o suspeitava, caríssimo. Já por duas vezes palmilhei o Shropshire de ponta a ponta. Mas continua. Porque é que tu és Leal na cidade e João na aldeia?

JOÃO — Meu caro Algy, não sei se poderás compreender os meus motivos reais. Não tens para isso a necessária seriedade. Quando um homem é tutor duma menina tem de adoptar em todos os seus actos uma atitude de austera moralidade. É seu dever. Mas como uma atitude de austera moralidade se não coaduna muito bem com a saúde ou com a felicidade do homem, para dar uma fugida à cidade fingi ter um irmão mais novo chamado Leal, que vive em Albany e se vê às vezes em tremendas atrapalhações. Esta é a verdade pura e simples.

ALGERNON — A verdade é rara vezes pura e nunca é simples, meu amigo. Muito aborrecida seria a vida moderna se ela fosse uma coisa ou outra... e a literatura seria um impossível.

JOÃO — Acho que até seria boa.

ALGERNON — A crítica literária não é o teu forte, meu caro amigo. Não experimentes. Deixa isso às pessoas

que não têm cultura nenhuma. Fazem-no com uma grande pericia nos jornais diários. O que tu realmente és é um bumburista. Eu tinha toda a razão quando te supunha um bumburista. És um dos mais refinados bumburistas que eu conheço.

JOÃO — Que diabo queres tu dizer com isso?

ALGERNON — Tu inventaste um irmão mais novo chamado Leal, a fim de poderes dar a tua fugida à cidade sempre que isso te apeteça. Eu inventei um inestimável entrevado permanente chamado Bumbury, a fim de poder ir à aldeia todas as vezes que me dê na gana. O Bumbury é inestimável. Se não fosse a extraordinária falta de saúde desse amigo, não poderia ir hoje, por exemplo, jantar contigo ao Willis, pois estou há mais de uma semana comprometido com a tia Augusta.

JOÃO — Eu não te convidei para jantares comigo hoje.

ALGERNON — Bem sei. Descuras absolutamente os teus convites. É uma falta de senso. Nada aborrece tanto a gente como não receber convites.

JOÃO — Seria muito melhor jantares com a tia Augusta.

ALGERNON — Não tenho a mínima intenção de fazer tal coisa. Em primeiro lugar, jantei lá na segunda-feira e uma vez por semana é mais do que suficiente para jantar com os parentes. Em segundo lugar, sempre que lá janto sou tratado como membro da família e ou não me põem ao lado de mulher nenhuma, ou me põem entre duas mulheres. Em terceiro lugar, sei perfeitamente que ela me vai sentar hoje ao lado da Maria Farquhar, que está sempre a fazer olhinhos ao marido, que fica à frente. Não é nada agradável. Nem decente... É o pior é que esse costume alastra. Torna-se escandaloso o número de mulheres que fazem olhinhos aos maridos. Parece mal! É como lavar a

roupa lavada em público. Além disso já que te sei um autêntico bumburista, desejo naturalmente falar-te do bumburismo. Quero expor-te as regras.

JOÃO — Eu não sou nada bumburista, homem! Se a Gwendolen me quiser, dou cabo do meu irmão. Penso, além do mais que, de qualquer modo, tenho de o matar. A Cecília está um pouco interessada por ele. É uma maçada! Vou-me libertar do Leal. E aconselho-te veementemente a fazeres o mesmo ao senhor... ao teu amigo entrevado com o tal nome absurdo.

ALGERNON — Nada me decidirá a separar-me do Bumbury. Se um dia te casares, o que se me afigura extremamente problemático, hás-de gostar de conhecê-lo. Um homem que se casa sem conhecer o Bumbury deve aborrecer-se infinitamente.

JOÃO — Isso é disparate. Se eu casar com uma rapariga encantadora como é a Gwendolen, e não me caso com outra, não tenho empenho nenhum em conhecer o Bumbury.

ALGERNON — Então é a tua mulher que terá prazer em conhecê-lo. Não compreendes que na vida conjugal três é companhia e dois não.

JOÃO (*sentenciosamente*) — Isso, meu caro amigo, é a teoria que a corrupção do teatro francês anda a defender há cinquenta anos.

ALGERNON — Sim senhor, e que a ditosa família inglesa comprovou em metade desse tempo.

JOÃO — Por amor de Deus, não tentes ser cínico. É fácil ser cínico.

ALGERNON — Meu caro, hoje em dia não é fácil ser-se coisa nenhuma. Há para tudo uma concorrência impossível. (*Ouve-se o retinir da campainha*) Deve ser a tia Augusta. Só parentes ou credores tocam deste

modo wagneriano. Se eu conseguir afastá-la por dez minutos, de modo que tu possas ter ensejo de fazeres a tua declaração à Gwendolen, posso jantar contigo logo no Willis?

JOÃO — Acho que sim, se quiseres...

ALGERNON — Bom, mas debes tomar isso a sério. De-testo as pessoas que não tomam as refeições a sério. Mostram-se desse modo extremamente superficiais. (*Entra Lane*).

LANE — Lady Bracknell e Miss Fairfax. (*Algernon vai ao seu encontro. Entram Lady Bracknell e Gwendolen*).

LADY BRACKNELL — Boa tarde querido Algernon, espero que estejas óptimo.

ALGERNON — Sinto-me muito bem, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Não é exactamente a mesma coisa!

ALGERNON (*para Gwendolen*) — Meu Deus, que elegância!

GWENDOLEN — Sou sempre elegante. Não é verdade senhor Worthing?

JOÃO — A perfeição absoluta, Miss Fairfax.

GWENDOLEN — Ai, isso não, que horror! A perfeição não deixaria lugar a nenhuma modificação e eu tenciono evolucionar em muitas direcções. (*Gwendolen e João sentam-se juntos*).

LADY BRACKNELL — Desculpa termos chegado um pouco tarde, Algernon, mas fui obrigada a ir a casa da querida Lady Harbury. Desde o falecimento do marido que lá não ia. Nunca vi mulher que tanto se modificasse. Parece ter vinte anos menos. E agora quero uma xícara de chá e uma dessas sanduiches de pepino que me prometeste.

ALGERNON — Com certeza, tia Augusta. (*Dirige-se para a mesa*).

LADY BRACKNELL — Não vens para aqui, Gwendolen?

GWENDOLEN — Obrigada, mamã, estou aqui muito bem.

ALGERNON (*pegando horrorizado no prato vazio*) — Deus do Céu! Lane! Porque é que não há sanduiches de pepino? Mandei-as fazer especialmente.

LANE (*com seriedade*) — Não havia pepinos no mercado esta manhã. Fui lá duas vezes.

ALGERNON — Não havia pepinos?!

LANE — Não senhor. Nem com dinheiro à vista.

ALGERNON — Está bem Lane, obrigado.

LANE — Obrigado eu, senhor Moncrief.

ALGERNON — Sinto muito, tia Augusta, pela escassez dos pepinos, mesmo com dinheiro à vista.

LADY BRACKNELL — Não faz mal, Algernon. Comi uns bolos com Lady Harbury, que me parece agora viver inteiramente para o que é bom.

ALGERNON — Disseram-me que o cabelo dela, com o desgosto, parece agora de ouro.

LADY BRACKNELL — Foi... mudou de cor. Por que motivo, não sei dizer. (*Algernon serve-lhe o chá*). Obrigada. Hoje vais-te regalar, Algernon. Ao jantar vou-te sentar ao lado da Mary Farquhar. É uma simpática mulher e encantadora com o marido. É um prazer vê-los.

ALGERNON — Receio, tia Augusta, ter de me privar do prazer de jantar hoje em sua casa.

LADY BRACKNELL (*carregando o sobrolho*) — Espero que isso não seja verdade. Desarranjavas-me completamente a mesa. Teu tio teria de jantar no 1.º andar. Felizmente que já está habituado, mas...

ALGERNON — É uma maçada, é. E é escusado dizê-lo, uma terrível contrariedade para mim. Mas o facto é que recebi agora mesmo um telegrama dizendo que o

meu pobre amigo Bumbury está outra vez muito mal. (*Troca olhares com João*) Parecem pensar que eu devia acompanhá-lo.

LADY BRACKNELL — É extraordinário. O tal senhor Bumbury deve sofrer de uma curiosa doença.

ALGERNON — É. O pobre Bumbury está entrevado.

LADY BRACKNELL — Estará! Mas eu devo dizer-te, Algernon, que penso que já vai sendo tempo de esse senhor resolver se deve viver ou morrer. Uma hesitação assim é absurda. E eu não aprovo a moderna compaixão pelos inválidos. Considero-a mórbida. A doença, seja de que género for, não é coisa que se deva estimular nos outros. A saúde é o dever primordial da vida. Estou sempre a dizê-lo ao teu pobre tio, mas ele não parece fazer grande caso... quando sente algumas melhoras, pelo menos. Ficar-te-ia muito grata se, da minha parte, pedisses ao senhor Bumbury que fizesse o favor de não ter uma recaída no sábado, pois conto contigo para me tratares da música. É a minha última recepção, e quer-se alguma coisa que anime a conversa, sobretudo no fim da temporada, quando toda a gente já disse tudo o que tinha a dizer... e não era muito, em geral.

ALGERNON — Falarei ao Bumbury, tia Augusta, se ele estiver ainda consciente, e penso poder prometer-lhe que ele se sinta perfeitamente no sábado. Isto, embora a escolha da música seja de uma grande dificuldade. Se é boa, ninguém a ouve, se é má, ninguém conversa. Mas eu passo uma vista de olhos pelo programa que arranjei, se a tia fizer o favor de vir um momento comigo para aquela sala.

LADY BRACKNELL — Obrigada, Algernon. É muito amável da tua parte. (*Levantando-se e seguindo Al-*

gernon) Tenho a certeza de que o programa há-de ficar esplêndido, depois de alguns cortes. Canções francesas não posso permitir. Acham-nas inconvenientes e, ou se mostram escandalizados, o que é indelicadeza, ou se riem, o que é pior. O alemão é que me parece uma língua muito respeitável. Gwendolen, vens comigo?

GWENDOLEN — Pois sim, mamã. (*Lady Bracknell e Algernon entram na sala de música. Gwendolen fica para trás.*)

JOÃO — Esteve hoje um dia encantador, Miss Fairfax.

GWENDOLEN — Por favor, não me fale do tempo, senhor Worthing! Quando me falam do tempo, tenho sempre a certeza de que é de outra coisa que querem falar. É isso põe-me nervosa.

JOÃO — É que eu realmente tenho outra coisa...

GWENDOLEN — É o que eu pensava. Nunca me engano.

JOÃO — E gostaria de aproveitar-me da ausência temporária de Lady Bracknell...

GWENDOLEN — Então seja rápido. A mamã tem um estranho hábito de voltar de repente onde ninguém a chamou. Até já lho tenho dito...

JOÃO (*nervosamente*) — Miss Fairfax, desde que a encontrei admirei-a mais do que a qualquer menina... que é claro, nunca encontrei desde... desde que a encontrei.

GWENDOLEN — Sim, sei isso perfeitamente. É muitas vezes desejei que, em público, o senhor, de qualquer modo, se manifestasse mais. Para mim o senhor teve sempre uma fascinação irresistível. Já antes de o conhecer eu estava longe de lhe ser indiferente. (*João fita-a assombrado*) Nós vivemos, como decerto sabe, senhor Worthing, numa época de ideais. O facto

é constantemente citado nas revistas caras e já chegou, segundo ouvi dizer, até aos discursos da província. O meu ideal foi sempre amar um homem que fosse Leal. Há neste nome um não sei quê que inspira absoluta confiança. Quando pela primeira vez o Algernon me disse que tinha um amigo chamado Leal, soube logo que estava destinada a enamorar-me dele.

JOÃO — Ama-me realmente, Gwendolen?

GWENDOLEN — Apaixonadamente!

JOÃO — Querida! Não sabe a felicidade que me dá!

GWENDOLEN — Oh meu Leal!

JOÃO — Mas não quer, por certo, dizer que me não poderia querer se eu não fosse Leal?

GWENDOLEN — Que importa isso, se você realmente se chama Leal?

JOÃO — Sim, bem sei. Mas supondo que eu não me chamava assim, quer dizer que o meu nome, então, mudaria tudo?

GWENDOLEN (*volúvelmente*) — Isso é nitidamente especulação metafísica e, como a maior parte das especulações metafísicas, tem muito pouca relação com a vida real.

JOÃO — É que eu, Gwendolen, para lhe falar com franqueza, não faço muita questão do nome de Leal... Não acho esse nome apropriado... não soa bem.

GWENDOLEN — Perfeitamente apropriado. É um nome divino. Tem música própria. Vibra.

JOÃO — Bem, realmente, Gwendolen, o facto é que me parece que há uma infinidade de outros nomes muito mais bonitos. Acho, por exemplo, João, um nome encantador.

GWENDOLEN — João?... Não. Falta-lhe música. Não produz vibração absolutamente nenhuma... Conheci

vários Joões, e todos eles, sem excepção, eram de uma banalidade de estarrecer. João é pejajoso. Tenho pena de uma mulher casada com um homem que se chame João. Provavelmente não conhece nunca o infável prazer de estar um momento só. O único nome realmente seguro é Leal.

JOÃO — Gwendolen, tenho de me baptizar imediatamente — quero dizer, temos de casar imediatamente. Não há tempo a perder.

GWENDOLEN — Casar, senhor Worthing?

JOÃO (*espantado*) — Bem... com certeza. Sabe que eu a amo e desde que Miss Fairfax me fez acreditar que lhe não sou completamente indiferente...

GWENDOLEN — Adoro-o. Mas ainda não me propôs casamento. Ainda não se falou de casamento por ora. Nem sequer nesse assunto se tocou...

JOÃO — Posso propor-lho agora?

GWENDOLEN — Penso que seria uma ocasião admirável. E para lhe poupar qualquer possível decepção, senhor Worthing, acho de meu dever dizer-lhe desde já, com toda a franqueza, que estou plenamente resolvida a aceitá-lo.

JOÃO — Gwendolen!

GWENDOLEN — Sim, senhor Worthing, que tem a dizer-me?

JOÃO — Sabe o que tenho a dizer-lhe.

GWENDOLEN — Sei. Mas isso não impede que o diga.

JOÃO — Gwendolen, quer casar comigo? (*Ajoelha*).

GWENDOLEN — Já se vê que sim querido. Quanto tempo gastou a decidir-se! Deve ter muito pouca prática neste género de declarações.

JOÃO — Nunca no mundo amei outra mulher.

GWENDOLEN — Acredito. Mas os homens propõem

muitas vezes casamento a diversas raparigas, apenas para praticar. É o que faz o meu irmão Geraldo, por exemplo. Todas as minhas amigas me contaram. Você tem uns olhos maravilhosamente azuis! São azuis. Perfeitamente azuis... Espero que olhará sempre para mim como está a olhar agora, especialmente quando houver outras pessoas presentes.

LADY BRACKNELL (*entrando*) — Senhor Worthing, levante-se! Essa posição é indecorosa.

GWENDOLEN — Mamã! (*João tenta erguer-se, ela não deixa*) Peço-lhe que se retire. Isto não é lugar para si... e o senhor Worthing ainda não acabou.

LADY BRACKNELL — Acabou o quê, posso perguntar?

GWENDOLEN — Mamã, eu estou noiva do senhor Worthing. (*Levantam-se ambos ao mesmo tempo*).

LADY BRACKNELL — Perdão, tu não estás noiva de ninguém. Quando estiveres norva de alguém, eu e teu pai, se a saúde lho permitir, te informaremos do facto. O noivado deve surgir a uma rapariga como surpresa agradável... ou desagradável, consoante o caso. Não tem importância! Não é coisa que lhe convenha tratar pessoalmente. E agora tenho umas perguntas a fazer-lhe, senhor Worthing. Tu, Gwendolen, espera-me lá em baixo, na carruagem.

GWENDOLEN (*em tom de censura*) — Mamã!

LADY BRACKNELL — Gwendolen, para a carruagem! (*Gwendolen vai até à porta. Ela e João atiram-se beijinhos por detrás das costas de Lady Bracknell. Milady distrai o olhar como se não percebesse que espécie de ruído era aquele. Finalmente volta-se*). Gwendolen, para a carruagem!

GWENDOLEN — Sim, mamã. (*Sai*).

LADY BRACKNELL (*sentando-se*) — Pode sentar-se, senhor Worthing (*Procura na bolsa uma agenda e lápis*).
JOÃO — Muito obrigado, Lady Bracknell, prefiro ficar de pé.

LADY BRACKNELL (*de lápis em punho*) — Sinto-me obrigada a dizer-lhe que o senhor não figura na minha lista de rapazes possíveis, embora essa lista seja a mesma da querida duquesa de Bolton. Trabalhamos juntas. Estou porém disposta a incluir o seu nome, no caso das suas respostas corresponderem aos desejos de uma mãe estremeosa. Fuma?

JOÃO — Sim, devo confessar que fumo.

LADY BRACKNELL — Estimo muito sabê-lo. Um homem deve ter sempre uma ocupação qualquer. Já há em Londres demasiados ociosos. Que idade tem?

JOÃO — Vinte e nove anos.

LADY BRACKNELL — É uma esplêndida idade para casar. Fui sempre de opinião que um homem que quer casar ou deve saber tudo ou não saber coisa nenhuma. O senhor é tudo ou nada?

JOÃO (*depois de uma hesitação*) — Eu não sei nada Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL — Ainda bem. Não aprovo o que possa ofender a ignorância natural. A ignorância é como um delicado fruto exótico. Toca-se-lhe e perde o viço. Toda a teoria da educação moderna é radicalmente errada. Em Inglaterra felizmente a educação não produz efeito nenhum. Se produzisse redundaria num grave perigo para as classes superiores e levaria provavelmente a actos de violência. Que rendimento tem?

JOÃO — Entre sete a oito mil libras por ano.

LADY BRACKNELL (*tomando nota*) — Terras ou capitais?

JOÃO — Principalmente dinheiro a render.

LADY BRACKNELL — Magnífico. Tanto pelos deveres que nos impõe durante a vida como pelo que de nós exige depois da morte, a terra deixou de ser origem de lucro ou de prazer. Dá posição, mas impede de a conservar. É tudo o que se pode dizer da terra.

JOÃO — Tenho uma casa de campo com alguns terrenos anexos, uns mil e quinhentos acres, segundo penso, mas não conto com isso para o meu rendimento real. Cheguei já à conclusão de que só os caçadores furtivos tiram disso algum proveito.

LADY BRACKNELL — Uma casa de campo! Quantos quartos de dormir? Bem, esse ponto pode ser esclarecido depois. Tem também decerto casa na cidade? Não há-de querer que uma menina simples e natural como a Gwendolen vá morar para a aldeia?

JOÃO — Possuo uma casa em Belgrave Square, mas está alugada por ano a Lady Bloxham. É claro que posso tomar conta dela quando me apetecer. Basta avisar com seis meses de antecedência.

LADY BRACKNELL — Lady Bloxham? Não conheço.

JOÃO — Sai muito pouco... É uma senhora de idade.

LADY BRACKNELL — Hoje isso não dá garantias de respeitabilidade de carácter. Que número é em Belgrave Square?

JOÃO — Cento e quarenta e nove.

LADY BRACKNELL (*meneando a cabeça*) — Não é do lado da moda. Sempre pensei que haveria algum senão. Isso porém poderia facilmente alterar-se.

JOÃO — A moda ou o lado?

LADY BRACKNELL (*sèriamente*) — As duas coisas, se for necessário. Que politica é a sua?

JOÃO — Parece-me que, na realidade, não é nenhuma. Sou liberal de tendência unionista.

LADY BRACKNELL — Contam como conservadores. Jantam connosco... ou vêm, à noite, depois do jantar. Agora, vamos a coisas de menos importância. Seus pais estão vivos?

JOÃO — Perdi-os ambos.

LADY BRACKNELL — Perder o pai ou a mãe, senhor Worthing, pode considerar-se uma infelicidade; perdê-los ambos parece desleixo. Quem era seu pai? Tinha certamente alguma fortuna. Nasceu no que os jornais radicais chamam a púrpura do comércio, ou saiu da aristocracia?

JOÃO — Receio, na realidade, não saber. É facto, Lady Bracknell, que eu disse haver perdido meus pais... Seria porém mais próximo da verdade dizer que os meus pais é que parece terem-me perdido a mim... Não sei na verdade, quem sou por nascimento. Fui... fui... achado.

LADY BRACKNELL — Achado?!

JOÃO — O falecido senhor Tomás Cardew, um velho caritativo e bondoso, achou-me, e deu-me o nome de Worthing, por, nessa ocasião, ter no bolso um bilhete de primeira classe para Worthing. Worthing fica no Sussex... É uma praia.

LADY BRACKNELL — Onde foi que o achou esse tal caridoso cavalheiro que tinha no bolso um bilhete de primeira classe para Worthing?

JOÃO (*gravemente*) — Numa mala de mão.

LADY BRACKNELL — Numa mala de mão?!

JOÃO (*muito sério*) — Sim Lady Bracknell. Eu estava

numa mala de mão — uma mala grande, de couro preto, com pegas — uma mala vulgar.

LADY BRACKNELL — Em que sitio encontrou esse tal James ou Tomás Cardew essa mala vulgar?

JOÃO — Na arrecadação da Estação de Vitória. Deram-lha por engano, em vez da sua.

LADY BRACKNELL — Na Estação de Vitória?

JOÃO — Sim. Linha de Brighton.

LADY BRACKNELL — A linha não tem importância.

Confesso, senhor Worthing, que me sinto bastante des-norteada com o que me acaba de dizer. Ter nascido, ou quem sabe, ter sido criado numa maleta, com ou sem pegas, parece-me revelar um desprezo pela decência habitual da vida familiar que recorda os piores excessos da Revolução Francesa. E presumo que o senhor sabe onde levou esse desgraçado movimento. Quanto ao local onde foi encontrada a mala, a arrecadação duma estação de caminho de ferro, pode muito bem servir para ocultar uma inconveniência social — foi já, decerto, utilizado para esse fim — mas não se poderá considerar satisfatório para uma situação reconhecida na boa sociedade.

JOÃO — Permite-me então que lhe pergunte o que me aconselha a fazer? Quase escuso de lhe dizer que farei tudo no mundo para assegurar a felicidade de Gwendolen.

LADY BRACKNELL — Aconselhá-lo-ia sèriamente, senhor Worthing, a procurar, quanto antes, adquirir alguns parentes, e a fazer todos os esforços para de qualquer modo, se apresentar com pai ou com mãe, antes do fim da temporada.

JOÃO — Não vejo modo fácil de conseguir tal coisa. Posso em qualquer altura, apresentar a mala. Tenho-a lá em

casa. Parece que isso a deveria satisfazer, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL — A mim? Que tenho eu com a mala? O senhor pensa que eu e Lord Bracknell vamos consentir que a nossa filha única — uma menina educada com o mais estremoso cuidado — entre pelo casamento para uma arrecadação e se ligue a uma bagagem? Bom dia, senhor Worthing! (*Lady Bracknell sai pela porta fora com majestática indignação*).

JOÃO — Bom dia! (*Algernon, na outra sala, ataca a Marcha Nupcial. João, furioso, corre à porta*) Por amor de Deus não toques essa música, Algy! Que imbecil tu és! (*A música para e Algernon entra, radiante*).

ALGERNON — Não correu tudo bem, meu velho? Não queres dizer que a Gwendolen te rejeitou? Bem sei que é costume dela. Rejeita sempre os pretendentes. Penso que é para dar prova de mau gênio.

JOÃO — Não, a Gwendolen portou-se lindamente. Pela parte dela, estávamos noivos. A mãe é que é absolutamente intratável. Nunca encontrei uma mãe assim... Não sei bem ao certo como é uma Górgona, mas tenho a certeza de que Lady Bracknell é uma Górgona. Seja como for, é um monstro sem ser um mito... Desculpa-me, Algy, não devia, na tua presença, falar assim da tua tia.

ALGERNON — Meu caro, eu gosto de ouvir dizer mal dos meus parentes. É a única coisa que faz com que eu os ature. Os parentes são invariavelmente uma gente muito aborrecida que não tem a mais remota noção do modo como há-de viver, nem o mais pequeno instinto do momento em que deve morrer.

JOÃO — Isso é um disparate!

ALGERNON — Não é!

JOÃO — Não quero discutir contigo. Tu queres sempre discutir sobre todas as coisas.

ALGERNON — Foi precisamente para isso que as coisas se fizeram.

JOÃO — Palavra de honra que se eu pensasse assim, dava um tiro na cabeça... (*Uma pausa*). Não te parece que haja alguma probabilidade de a Gwendolen vir a ser como a mãe, daqui a cento e cinquenta anos, Algy?

ALGERNON — Todas as mulheres saem às mães. É a sua tragédia. Os homens não. É a tragédia deles.

JOÃO — Isso é inteligente?

ALGERNON — É bem dito! É tão verdadeira como deve ser qualquer observação na vida civilizada.

JOÃO — Já estou farto de inteligência! Toda a gente agora é inteligente! Não se pode ir a parte nenhuma sem encontrar pessoas inteligentes. Tornou-se uma maçada pública. Quem me dera que nos restassem alguns parvos!

ALGERNON — Ainda os há.

JOÃO — Gostaria muito de os encontrar. De que falam eles?

ALGERNON — Os parvos? Oh! Dos que são inteligentes, é claro.

JOÃO — Que parvos!

ALGERNON — A propósito: Disseste à Gwendolen a verdade acerca dos teus dois nomes — Leal na cidade e João na aldeia?

JOÃO (*em tom conselheiral*) — Meu caro, não é a verdade que se deve dizer a uma rapariga bonita, suave e delicada? Que extraordinárias ideias tens tu sobre a maneira de lidar com as mulheres!

ALGERNON — As únicas maneiras que há para lidar com as mulheres são: Fazer-lhes namoro se são bonitas e, se são feias, fazê-lo a outra.

JOÃO — Isso é disparate.

ALGERNON — É o teu irmão? Que me dizes ao teu desregrado Leal?

JOÃO — Antes do fim da semana hei-de estar livre dele. Direi que morreu em Paris de uma apoplexia. Morre imensa gente de apoplexia, repentinamente, não morre?

ALGERNON — Sim, mas é hereditário, meu caro. É doença que anda nas famílias. Era melhor dizeres que foi uma grave pneumonia que o matou.

JOÃO — Tens a certeza de que as pneumonias não são hereditárias?

ALGERNON — É claro que não são!

JOÃO — Muito bem, então. O meu pobre irmão Leal morre de repente, em Paris, de uma grave pneumonia. E assim me desfaço dele.

ALGERNON — Mas pensava ter-te ouvido dizer que... Miss Cardew se interessava bastante pelo teu pobre irmão Leal. Não sentirá muito a falta dele?

JOÃO — Não faz mal. A Cecília não é nenhuma tolinha romântica, folgo em dizê-lo. Tem um apetite excelente, dá grandes passeios a pé e não faz caso nenhum das lições que recebe.

ALGERNON — Gostava de conhecer a Cecília.

JOÃO — Terei todo o cuidado em evitar que isso aconteça. É formosíssima e tem apenas dezoito anos.

ALGERNON — Disseste à Gwendolen que tens uma pupila formosíssima e com dezoito anos de idade?

JOÃO — Bem. Essas coisas não se dizem logo assim. A Cecília e a Gwendolen hão-de vir a ser grandes amigas. Aposto tudo o que quizeres que, meia hora depois de se encontrarem, estarão a chamar-se irmã uma à outra.

ALGERNON — As mulheres só fazem isso depois de se

terem chamado uma porção de coisas piores. Mas agora, meu caro, se queremos apanhar uma boa mesa no Willis, temos de nos vestir. Sabes que são quase sete horas?

JOÃO (*irritadamente*) — São sempre quase sete horas!

ALGERNON — Bem, estou com fome.

JOÃO — Desde que te conheço ainda não te vi sem fome.

ALGERNON — Que faremos depois de jantar? Vamos ao teatro?

JOÃO — Não. Detesto ouvir.

ALGERNON — Então vamos ao clube.

JOÃO — Não. Detesto falar.

ALGERNON — Então podíamos ir ao Empire, às dez?

JOÃO — Oh não! Não posso suportar estar a ver muitas coisas. É tão estúpido!

ALGERNON — Então que havemos de fazer?

JOÃO — Nada!

ALGERNON — É um trabalho tremendo isso de não fazer nada. Mas não me importo de trabalhar desde que esse esforço não seja gasto para conseguir qualquer objectivo definido. (*Entra Lane*).

LANE — Miss Fairfax. (*Entra Gwendolen, Lane sai*).

ALGERNON — Realmente Gwendolen!

GWENDOLEN — Algy, faça o favor de virar as costas. Tenho uma coisa particular a dizer ao senhor Worthing.

ALGERNON — Realmente, Gwendolen, não me parece que deva consentir numa coisa dessas.

GWENDOLEN — Você adopta sempre uma atitude estritamente imoral para com a vida. Ainda não tem idade para isso. (*Algernon retira-se para junto do fogão*).

JOÃO — Meu amor!

GWENDOLEN — Nós, Leal, talvez nunca possamos casar.

Pela expressão da mamã receio que nunca viremos a casar. Poucos pais se importam hoje com o que os filhos dizem. O antigo respeito pela juventude vai morrendo dia a dia. Toda a influência que eu tinha sobre minha mãe, perdi-a aos três anos. Mas, Leal, quero dizer-lhe que, embora ela se oponha ao nosso casamento, ainda que eu case com outro... ou outros, muitas vezes, faça ela o que fizer, nada poderá alterar a minha eterna afeição por si.

JOÃO — Querida Gwendolen!

GWENDOLEN — A história romântica da sua origem, como a minha mãe a contou com desagradáveis comentários, revolveu naturalmente as mais profundas fibras do meu ser. O seu nome de baptismo exerce sobre mim uma fascinação irresistível. A simplicidade do seu carácter torna-o estranhamente incompreensível para mim. Já tenho a sua direcção na cidade. Qual é a sua direcção na aldeia?

JOÃO — «The Manor House», Woolton, Herfordshire. *(Algernon, que esteve ouvindo atentamente, sorri e escreve a direcção no punho da camisa. Depois pega no Guia dos Caminhos de Ferro).*

GWENDOLEN — O serviço dos correios lá é bom? Pode ser necessário tomar qualquer atitude desesperada. Isso requer, já se vê, muito cuidado e ponderação. Escrever-lhe-ei todos os dias.

JOÃO — Querida!

GWENDOLEN — Até quando se demora na cidade?

JOÃO — Até segunda-feira.

GWENDOLEN — Algy, já se pode voltar.

ALGERNON — Obrigado, já estou como pede, Gwendolen.

GWENDOLEN — Pode também tocar a campainha.

JOÃO — Quer que eu a acompanhe à carruagem, meu amor?

GWENDOLEN — Com certeza.

JOÃO *(para Lane, que entra agora)* — Eu acompanho Miss Fairfax.

LANE — Sim, senhor Worthing. *(João e Gwendolen saem. Lane apresenta várias cartas numa salva a Algernon. Do facto de Algernon as rasgar, mal lhes vê os sobrescritos, deduz-se que são contos).*

ALGERNON — Lane? Um cálice de cherry.

LANE — Sim, senhor Moncrief.

ALGERNON — Amanhã, vou ver o Bumbury.

LANE — Sim, senhor Moncrief. *(Servindo cherry).*

ALGERNON — Espero que amanhã esteja um dia bonito, Lane.

LANE — Nunca está, senhor Moncrief.

ALGERNON — Tu és pessimista acabado.

LANE — Faço o possível para cumprir com as minhas obrigações. *(Entra João. Lane sai).*

JOÃO — Isto é que é uma rapariga sensata e intelectual! A única rapariga que me interessou na vida. *(Algernon ri abertamente)* Porque te ris?

ALGERNON — Estou preocupado com o Bumbury. Nada mais.

JOÃO — Se te não acautelas, um dia destes o teu amigo Bumbury acaba por meter-te num sarilho sério.

ALGERNON — Adoro sarilhos! São as únicas coisas que não podem ser sérias.

JOÃO — É disparate Algy. Tu nunca dizes senão disparates!

ALGERNON — Como toda a gente. *(João olha indignadamente para ele e sai. Algernon acende um cigarro, puxa o punho, vê o que nele escreveu e sorri).*

QUANTO IMPORTA SER LEAL

2.º ACTO

O jardim de Manor House que está cheio de rosas. É em julho. Cadeiras de verga e uma mesa coberta de livros à sombra de uma árvore.

Miss Prism, em cabelo, está sentada a essa mesa. Ao fundo, Cecília anda a regar as flores.

MISS PRISM (*chamando*) — Cecília! Essa útil ocupação de regar flores, compete mais ao Moulton do que a si. Especialmente numa ocasião em que a esperam prazeres intelectuais. Está aqui na mesa a sua gramática alemã. Faça favor de a abrir na página quinze. Vamos repetir a lição de ontem.

CECILIA (*aproximando-se com todo o vagar*) — Mas eu não gosto do alemão. Não é língua que me convenha. Depois da lição de alemão, fico sempre com uma cara muito feia.

MISS PRISM — A menina sabe como o seu tutor se interessa pelos seus progressos. Ontem, ao despedir-se, insistiu concretamente no alemão. É sempre no alemão que insiste quando vai à cidade.

CECILIA — O tio João é tão sério! As vezes põe-se tão sério que eu até julgo que esteja doente.

MISS PRISM (*levantando-se*) — O seu tutor goza de perfeita saúde e a seriedade que tem fica sobretudo bem a uma pessoa nova. Não conheço ninguém com uma noção mais elevada do dever e da responsabilidade.

CECILIA — Suponho que é por isso que ele parece quase sempre tão aborrecido quando estamos os três juntos.

MISS PRISM — Cecília! A menina surpreende-me. O senhor Worthing tem na sua vida certas coisas que o preocupam. Não cabem gracejos inúteis e trivialidades na sua conversa. Deve lembrar-se de que tem um irmão que o aflige constantemente.

CECILIA — Gostava que o tio João, uma vez por outra, deixasse cá vir esse pobre rapaz. Podíamos exercer sobre ele uma boa influência, Miss Prism. Tenho a certeza de que a Miss Prism era capaz disso. Sabe alemão e geologia e essas coisas influem muito numa pessoa. (*Cecília começa a escrever no seu diário*).

MISS PRISM (*meneando a cabeça*) — Parece-me que nem mesmo eu poderia produzir qualquer efeito num carácter que o irmão diz ser irremediavelmente fraco e hesitante. Realmente não sinto vontade nenhuma de o modificar. Não concordo com essa mania moderna de transformar rapidamente os maus em bons. Conforme semeares, assim colherás. Arrume o seu diário, Cecília! Realmente não percebo por que razão há-de escrever um diário...

CECILIA — Tenho um diário para arquivar os maravilhosos segredos da minha vida. Se os não apontasse, esquecia-os com certeza.

MISS PRISM — A memória, minha cara Cecília, é o diário que todos nós trazemos connosco.

CECILIA — Será, mas regista quase sempre as coisas que nunca aconteceram e às vezes nem sequer podiam ter

acontecido. Creio que a memória é responsável por quase todos os romances em três volumes que a Muddy nos manda.

MISS PRISM — Faz favor de não falar sem respeito nos romances em três volumes, Cecília. Já em tempos escrevi um.

CECILIA — Sim, Miss Prism? Que inteligente que é, Miss Prism! E acabava bem? Não gosto dos romances que acabam bem. Deprimem-me imenso.

MISS PRISM — Os bons acabavam bem e os maus acabavam mal. A ficção é assim.

CECILIA — Talvez seja, mas não me parece bem. E o seu romance nunca foi publicado?

MISS PRISM — Não. O manuscrito foi abandonado. (*Cecília estremece*). Emprego a palavra no sentido de perdido ou extraviado. Vamos ao trabalho, menina! Estas especulações são inúteis.

CECILIA (*sorrindo*) — Vem aí o simpático Dr. Chasuble a atravessar o jardim.

MISS PRISM (*levantando-se*) — O Dr. Chasuble! Isso é que é realmente um prazer! (*Entra o cônego Chasuble*).

CHASUBLE — Então como vamos por cá esta manhã? Miss Prism está bem?

CECILIA — Miss Prism estava mesmo agora a queixar-se de uma leve dor de cabeça. Acho que lhe faria muito bem dar um passeiozinho pelo parque consigo, Dr. Chasuble.

MISS PRISM — Cecília, eu não falei em dores de cabeça.

CECILIA — Bem sei que não, Miss Prism, mas eu é que senti instintivamente que Miss Prism estava com dores de cabeça. Era nisso que eu estava a pensar e não na lição de alemão, quando chegou o Sr. Reitor.

MISS PRISM (*levantando-se*) — O seu tutor goza de perfeita saúde e a seriedade que tem fica sobretudo bem a uma pessoa nova. Não conheço ninguém com uma noção mais elevada do dever e da responsabilidade.

CECILIA — Suponho que é por isso que ele parece quase sempre tão aborrecido quando estamos os três juntos.

MISS PRISM — Cecília! A menina surpreende-me. O senhor Worthing tem na sua vida certas coisas que o preocupam. Não cabem gracejos inúteis e trivialidades na sua conversa. Deve lembrar-se de que tem um irmão que o aflige constantemente.

CECILIA — Gostava que o tio João, uma vez por outra, deixasse cá vir esse pobre rapaz. Podíamos exercer sobre ele uma boa influência, Miss Prism. Tenho a certeza de que a Miss Prism era capaz disso. Sabe alemão e geologia e essas coisas influem muito numa pessoa. (*Cecília começa a escrever no seu diário*).

MISS PRISM (*meneando a cabeça*) — Parece-me que nem mesmo eu poderia produzir qualquer efeito num carácter que o irmão diz ser irremediavelmente fraco e hesitante. Realmente não sinto vontade nenhuma de o modificar. Não concordo com essa mania moderna de transformar rapidamente os maus em bons. Conforme semeares, assim colherás. Arrume o seu diário, Cecília! Realmente não percebo por que razão há-de escrever um diário...

CECILIA — Tenho um diário para arquivar os maravilhosos segredos da minha vida. Se os não apontasse, esquecia-os com certeza.

MISS PRISM — A memória, minha cara Cecília, é o diário que todos nós trazemos connosco.

CECILIA — Será, mas regista quase sempre as coisas que nunca aconteceram e às vezes nem sequer podiam ter

acontecido. Creio que a memória é responsável por quase todos os romances em três volumes que a Muddy nos manda.

MISS PRISM — Faz favor de não falar sem respeito nos romances em três volumes, Cecília. Já em tempos escrevi um.

CECILIA — Sim, Miss Prism! Que inteligente que é, Miss Prism! E acabava bem? Não gosto dos romances que acabam bem. Deprimem-me imenso.

MISS PRISM — Os bons acabavam bem e os maus acabavam mal. A ficção é assim.

CECILIA — Talvez seja, mas não me parece bem. E o seu romance nunca foi publicado?

MISS PRISM — Não. O manuscrito foi abandonado. (*Cecília estremece*). Emprego a palavra no sentido de perdido ou extraviado. Vamos ao trabalho, menina! Estas especulações são inúteis.

CECILIA (*sorrindo*) — Vem aí o simpático Dr. Chasuble a atravessar o jardim.

MISS PRISM (*levantando-se*) — O Dr. Chasuble! Isso é que é realmente um prazer! (*Entra o cônego Chasuble*).

CHASUBLE — Então como vamos por cá esta manhã? Miss Prism está bem?

CECILIA — Miss Prism estava mesmo agora a queixar-se de uma leve dor de cabeça. Acho que lhe faria muito bem dar um passeiozinho pelo parque consigo, Dr. Chasuble.

MISS PRISM — Cecília, eu não falei em dores de cabeça.

CECILIA — Bem sei que não, Miss Prism, mas eu é que senti instintivamente que Miss Prism estava com dores de cabeça. Era nisso que eu estava a pensar e não na lição de alemão, quando chegou o Sr. Reitor.

CHASUBLE — Prova-se assim que não dá atenção às suas lições.

CECILIA — Receio bem que assim seja.

CHASUBLE — É estranho. Se eu tivesse a felicidade de ser aluno de Miss Prism, estaria sempre suspenso dos seus lábios. (*Miss Prism fita-o espantada*) Falei metafóricamente. (*Tosse*) O senhor Worthing, suponho, ainda não regressou da cidade?

MISS PRISM — Não o esperamos antes de segunda-feira à tarde.

CHASUBLE — Ah, sim? Ele gosta quase sempre de passar o domingo em Londres. Não é daquelas que tem o gozo por único objectivo na vida, como parece acontecer com esse desventurado rapaz que é seu irmão... Mas não devo incomodar Egéria e a sua aluna.

MISS PRISM — Egéria? Eu chamo-me Leticia, senhor doutor.

CHASUBLE (*baixando a cabeça*) — Foi uma alusão clássica tirada de autores pagãos. Vê-las-ei ambas, sem dúvida, no Serviço de Vésperas?

MISS PRISM — Parece-me, doutor, que vou dar um passeiozinho consigo. Tenho de facto uma leve dor de cabeça e deve fazer-me bem passear um pouco.

CHASUBLE — Com prazer, Miss Prism, com muito prazer. Poderíamos ir até à escola e voltar.

MISS PRISM — Acho óptimo. Cecília, leia durante a minha ausência um pouco de Economia Política. Pode saltar o capítulo sobre a queda da rupia. É sensacional demais. Até estes problemas metálicos, têm o seu lado melodramático impróprio para a juventude. (*Afasta-se com o doutor Chasuble*).

CECILIA (*pega nos livros e atira-os para cima da mesa*) — Horrenda Economia Política! Horrenda Geografia!

Horrendo, horrendo, horrendissimo alemão! (*Entra Merriman com um cartão numa salva*).

MERRIMAN — Chegou agora mesmo da estação o Sr. Leal Worthing. Trouxe bagagem.

CECILIA (*pegando no cartão e lendo-o*) — Leal Worthing, B. 4, The Albany, W». O irmão do tio João! Disse-lhe que o senhor Worthing está na cidade?

MERRIMAN — Disse sim menina. Pareceu muito contrariado. Também lhe disse que a menina e Miss Prism estavam no jardim. Respondeu-me que desejava falar à menina um momento, em particular.

CECILIA — Peça ao senhor Leal o favor de vir aqui. E seria bom dizer à governanta para lhe arranjar um quarto.

MERRIMAN — Sim, menina. (*Sai*).

CECILIA — Nunca conheci ninguém verdadeiramente mau. Estou com medo. Temo que seja parecido com outra pessoa qualquer. (*Entra Algernon, muito alegre*) É parecido... é!

ALGERNON (*tirando o chapéu*) — Falo, sem dúvida, à minha prima Cecília.

CECILIA — Está enganado, com certeza, quanto ao diminutivo. Sou bastante alta para a minha idade! (*Algernon fica um tanto surpreso*) E o senhor, creio que é o irmão do meu tio João, não é verdade? O meu primo Leal, o meu pouco recomendável primo Leal.

ALGERNON — Não sou tão pouco recomendável como isso, prima Cecília. Não deve pensar que eu seja assim tão pouco recomendável.

CECILIA — Se o não é, tem andado a enganar-nos a todos de um modo indesculpável. Espero que não faça uma vida dupla, fingindo ser mau e sendo, na realidade, muito bom. Seria uma hipocrisia.

ALGERNON (*olha para ela espantado*) — Bem... De facto talvez tenha sido um pouco estouvado...

CECILIA — Estimo muito ouvi-lo dizer isso.

ALGERNON — Se prefere pôr as coisas desse modo, a verdade é que tenho realmente sido mauzote, cá à minha maneira.

CECILIA — Não me parecê que deva orgulhar-se duma coisa dessas, embora eu tenha a convicção de que o fosse com muito prazer.

ALGERNON — Maior prazer é o de estar consigo aqui.

CECILIA — Não posso, de modo nenhum, perceber como aqui está. O tio João só chega na segunda-feira à tarde.

ALGERNON — Isso é, de facto, decepcionante. Sou obrigado a partir no primeiro comboio de segunda-feira. Tenho marcada uma entrevista de negócios, a que estou ansioso... por faltar.

CECILIA — E não pode faltar à entrevista sem ser em Londres?

ALGERNON — Não: a entrevista é em Londres.

CECILIA — Eu sei, é claro, a importância que tem faltar a uma entrevista de negócios, desde que se queira conservar qualquer aparência de beleza na vida. Penso no entanto que seria melhor esperar até que chegasse o tio João. Sei que ele lhe quer falar a respeito da sua viagem.

ALGERNON — A respeito de quê?

CECILIA — Da sua viagem. Ele foi comprar-lhe o que era necessário.

ALGERNON — Não quero que o João me compre coisa nenhuma. Não tem gosto nenhum para escolher gravatas.

CECILIA — Não me parece que lhe venham a fazer falta.

O tio João vai mandá-lo para a Austrália.

ALGERNON — Para a Austrália! Antes queria morrer.

CECILIA — Ele disse ao jantar, na quarta-feira à noite, que o primo teria de escolher entre este mundo, o outro mundo, e a Austrália.

ALGERNON — Bem está! As informações que tenho da Austrália e do outro mundo não são animadoras. Este mundo é suficientemente aceitável para mim.

CECILIA — E o primo será suficientemente aceitável para ele?

ALGERNON — Receio que não. É por isso que me quero regenerar. Quer encarregar-se dessa missão, prima Cecília?

CECILIA — Receio esta tarde não ter tempo.

ALGERNON — E se eu me regenerar esta tarde?

CECILIA — É um acto quixotesco da sua parte. Mas parece-me que deveria experimentar.

ALGERNON — Experimentarei. Já me sinto melhor.

CECILIA — Pela sua cara dá-me a ideia de que está um pouco pior.

ALGERNON — Não é que esteja pior — o que estou é com fome.

CECILIA — Sou uma distraída! Devia ter-me lembrado de que, quando alguém quer levar vida nova, precisa, para começar, de refeições regulares e substanciais. Não quer entrar?

ALGERNON — Muito obrigado. Podia oferecer-me primeiro uma flor? Sem a lapela florida nunca tenho apetite.

CECILIA — Uma marechal Niel? (*Pega na tesoura*).

ALGERNON — Não, prefiro uma rosa cor-de-rosa.

CECILIA — Porquê? (*Corta uma flor*).

ALGERNON — Porque se parece consigo.

CECILIA — Não me parece correcto falar-me desse modo.

Miss Prism nunca me diz essas coisas.

ALGERNON — Porque Miss Prism é, com certeza, uma velha de vista curta. *(Cecilia põe-lhe a rosa na lapela)*

A prima Cecilia é a rapariga mais bonita que eu conheço.

CECILIA — Miss Prism diz que toda a beleza exterior é uma ratoeira.

ALGERNON — A ratoeira em que todos os homens de bom senso gostam de ser apanhados.

CECILIA — Eu, por mim, parece-me que não gostaria de apanhar um homem de bom senso... Não saberia o que lhe havia de dizer. *(Saem. Miss Prism e o Dr. Chasuble voltam do seu passeio pelo jardim)*.

MISS PRISM — Vive muito só, meu caro doutor Chasuble. Devia casar. Querer isolar-se do mundo, ainda se percebe, mas viver isolado de mulher é que é incompreensível.

CHASUBLE *(encolhendo os ombros com intellectual desdém)* — O preceito e a prática da Igreja primitiva eram nitidamente contra o matrimónio sacerdotal.

MISS PRISM *(sentenciosamente)* — Por isso mesmo é que a Igreja primitiva não durou até aos nossos dias. E o meu caro doutor não parece compreender que persistindo em conservar-se solteiro, um homem se converte numa permanente tentação pública. Os homens deviam ser mais cuidadosos. O celibato extravia os fracos.

CHASUBLE — Mas, depois de casado, o homem não tem o mesmo poder atractivo?

MISS PRISM — O homem casado não tem poder atractivo senão para a sua mulher.

CHASUBLE — E muitas vezes, segundo tenho ouvido dizer, nem mesmo para ela o conserva.

MISS PRISM — Isso depende das simpatias intellectuais de cada mulher. Pode-se sempre confiar na maturidade. Fruto maduro é sempre de confiança. As mulheres novas são verdes. *(O Dr. Chasuble estremece)* Falei horticolamente... A minha metáfora foi tirada dos frutos. Onde está a Cecilia?

CHASUBLE — Talvez fosse atrás de nós. *(Entra João muito devagar, vindo do fundo do jardim. Vem de luto pesado, fumo no chapéu e luvas pretas)*.

MISS PRISM — O Sr. Worthing!

CHASUBLE — O Sr. Worthing?

MISS PRISM — É realmente uma surpresa. Só o esperávamos na segunda-feira à tarde.

JOÃO *(aperta a mão de Miss Prism de um modo trágico)* Voltei mais cedo do que calculava. Dr. Chasuble, está bem?

CHASUBLE — Meu caro Sr. Worthing, espero que esse fato de luto não signifique nenhuma terrível desgraça.

JOÃO — Meu irmão...

MISS PRISM — Mais dividas vergonhosas, mais extravagâncias?

CHASUBLE — Continua a levar a sua vida desregrada?

JOÃO *(mencando a cabeça)* — Não continua. Morreu!

CHASUBLE — Seu irmão Leal morreu?

JOÃO — Completamente.

MISS PRISM — Que lição para ele! Espero que lhe aproveite.

CHASUBLE — Sr. Worthing, os meus sinceros pêsames. Tem pelo menos a consolação de saber que foi sempre o mais generoso e indulgente dos irmãos.

JOÃO — Pobre Leal! Tinha defeitos, mas é um triste, um rude golpe a sua morte.

CHASUBLE — Tristíssimo, realmente. Assistiu-lhe aos últimos momentos?

JOÃO — Não. Morreu no estrangeiro, em Paris. Recebi ontem à noite um telegrama do gerente do Grande Hotel.

CHASUBLE — Dizia a causa da morte?

JOÃO — Uma pneumonia, ao que parece.

MISS PRISM — Conforme semeares, assim colherás.

CHASUBLE (*erguendo a mão*) — Caridade, querida Miss Prism, caridade! Nenhum de nós é perfeito. Eu próprio sou particularmente susceptível às correntes de ar. O enterro será aqui?

JOÃO — Não. Parece que ele manifestou o desejo de ser sepultado em Paris.

CHASUBLE — Em Paris! (*Meneia a cabeça*) Talvez isso não seja sinal de sérias preocupações nos últimos momentos. Deseja sem dúvida que, no próximo domingo, eu faça uma pequena alusão a este trágico transe doméstico. (*João aperta-lhe a mão comovidamente*). O meu sermão sobre o significado do maná no deserto pode adaptar-se a qualquer ocasião festiva ou, como no caso presente, dolorosa. (*Todos suspiram*). Preguei-o já na festa das colheitas, em baptismos, em confirmações, em dias de humilhação e em dias de regozijo. A última vez que o proferi foi na catedral, como Sermão de Caridade, em benefício da Sociedade Contra o Descontentamento das Classes Superiores. O bispo, que estava presente, ficou muito impressionado com algumas das minhas metáforas.

JOÃO — Ah! É verdade. Falou em baptizados, Dr. Chasuble? Suponho que sabe baptizar, não é assim?

MISS PRISM — É, lamento dizê-lo, uma das mais constantes ocupações do Sr. Reitor nesta freguesia. Muitas

vezes tenho falado disso às classes pobres, que parecem ignorar o que é economia.

CHASUBLE — Interessa-se em especial por alguma criança, Sr. Worthing? Seu irmão era, creio eu, solteiro... não é verdade?

JOÃO — Absolutamente solteiro Sr. Reitor.

MISS PRISM (*acerbamente*) — Como em geral todos os homens que vivem exclusivamente para os prazeres da vida.

JOÃO — O baptismo não é para nenhuma criança, meu caro doutor. Eu gosto muito de crianças. Não! Eu é que gostaria de me baptizar esta tarde... Como não tenho nada melhor para fazer...

CHASUBLE — Mas, o Sr. Worthing já foi baptizado com certeza?

JOÃO — Não me lembro nada de o ter sido.

CHASUBLE — Tem alguma dúvida grave a esse respeito?

JOÃO — Creio bem que sim. É claro que não sei se isso de qualquer modo o aborrece, ou se me acha velho demais para a cerimónia.

CHASUBLE — Com certeza que não. A aspersion e, na verdade, até a imersão dos adultos é prática perfeitamente canónica.

JOÃO — Imersão?

CHASUBLE — Não tem que recear. A aspersion é, no meu entender, suficiente. O tempo aqui é tão variável. A que horas deseja que se efectue a cerimónia?

JOÃO — Poderia lá estar às cinco, se isso lhe convier.

CHASUBLE — Perfeitamente, perfeitamente! De facto tenho duas cerimónias idênticas a essa hora. Um caso de dois gémeos ocorrido recentemente numa das suas propriedades. São do pobre Jenkins, o carroceiro, um homem muito trabalhador.

JOÃO — Não acho graça nenhuma a ser baptizado ao mesmo tempo que outras crianças. Acho isso infantil. Não poderíamos mudar para as cinco e meia?

CHASUBLE — Sem dúvida nenhuma... mas sem dúvida nenhuma. (*Puxa do relógio*) E agora, meu caro senhor Worthing, não o quero incomodar por mais tempo nesta casa de luto. Apenas lhe peço que se não deixe acabrunhar demasiado pela mágoa. O que nós temos por amargas provações são muitas vezes bênçãos disfarçadas.

MISS PRISM — Isto parece-me uma bênção de um género extremamente claro. (*Entra Cecília, vinda de dentro*).

CECILIA — O tio João! Estimo imenso vê-lo já de volta! Mas como vem vestido! Que horror! Vá já mudar de fato!

MISS PRISM — Cecília!

CHASUBLE — Minha filha! Minha filha! (*Cecília dirige-se para João que a beija melancolicamente na testa*).

CECILIA — Que tem, tio João? Faça uma cara mais alegre! Parece que está com dor de dentes! Tenho uma surpresa para si. Quem julga que está ali na sala de jantar? O seu irmão!

JOÃO — Quem?

CECILIA — O seu irmão Leal. Chegou há-de haver meia hora.

JOÃO — Que disparate! Não tenho irmão nenhum neste mundo!

CECILIA — Não diga uma coisa dessas, tio João! Por muito mal que ele tenha procedido para consigo, sempre é seu irmão. O tio não podia ser desumano a ponto de o repudiar. Vou-lhe dizer que venha cá. E o tio há-de apertar-lhe a mão, sim? (*Corre para casa*).

CHASUBLE — Isto é, de facto, uma boa nova!

MISS PRISM — Depois de já nos termos resignado à sua perda, este súbito regresso à existência parece-me particularmente penalizante.

JOÃO — Meu irmão está na sala de jantar! Eu não sei o que isto significa. Parece-me absurdo! (*Entram Algernon e Cecília de mãos dadas. Aproximam-se lentamente de João*) Meu Deus! (*Faz sinal a Algernon para se retirar*).

ALGERNON — Mano João, vim da cidade aqui disposto a pedir-te perdão de todos os incómodos que te tenho causado e a dizer-te que tenciono levar, daqui para o futuro, uma vida melhor. (*João fita-o de frente e não lhe aceita a mão*).

CECILIA — Tio João, vai recusar a mão a seu irmão?

JOÃO — Nada me convencerá a essa actividade. Acho ignóbil a sua vinda a esta casa. Ele sabe muito bem porquê.

CECILIA — Tio João, seja amável. Há sempre qualquer coisa boa em toda a gente. O Leal esteve a falar-me num pobre amigo entrevado que tem, o Sr. Bumbury, a quem ele vai muitas vezes visitar. Tem de haver um grande fundo de bondade num homem que, por dedicação a um entrevado, deixa os prazeres de Londres para passar horas e horas sentado à cabeceira de um doente.

JOÃO — Ai ele esteve a falar-te do Bumbury?!

CECILIA — Esteve. Contou-me tudo da sua terrível doença. Coitado!

JOÃO — O Bumbury! Proibo que ele te fale do Bumbury ou seja lá do que for. Creio que isto é suficiente para dar com uma pessoa em doida.

ALGERNON — Admito, é claro, que as culpas são todas

minhas. Devo porém dizer que a frieza do mano João para comigo me amargura particularmente. Esperava um acolhimento mais entusiástico, sobretudo considerando que é a primeira vez que aqui venho a sua casa.

CECÍLIA — Tio João, se não aperta a mão ao seu irmão Leal, nunca mais lhe perdoarei.

JOÃO — Nunca mais me perdoarás?

CECÍLIA — Nunca, nunca, nunca!

JOÃO — Bem, acedo... mas garanto que é esta a última vez que o faço. *(Aperta a mão a Algernon, fulminando-o com um olhar).*

CHASUBLE — Reconforta o coração assistir a uma reconciliação tão perfeita. Entendo que seria melhor deixarmos os dois irmãos sós.

MISS PRISM — Cecília, venha connosco!

CECÍLIA — Sem dúvida, Miss Prism. A minha tarefazinha de reconciliação está realizada.

CHASUBLE — Praticou hoje uma bela acção, minha querida filha.

MISS PRISM — Não devemos fazer juízos prematuros...

CECÍLIA — Sinto-me muito feliz! *(Sacm todos excepto João e Algernon).*

JOÃO — Grande patife, Algy, tens que sair quanto antes. Não consinto bumburismos cá em casa! *(Entra Merriman).*

MERRIMAN — Pus as coisas do Sr. Leal no quarto pegado ao de V. S.^a Está bem assim?

JOÃO — O quê?

MERRIMAN — A bagagem do Sr. Leal. Pu-la no quarto pegado ao de V. S.^a

JOÃO — A bagagem dele?

MERRIMAN — Sim, senhor Worthing. Três sacos de

viagem, uma mala de mão, duas chapeleiras e uma grande cesta de merenda.

ALGERNON — Receio não poder, desta vez, demorar-me mais de uma semana.

JOÃO — Merriman, mande vir o carro imediatamente. O senhor Leal foi agora, de repente, chamado a Londres.

MERRIMAN — Sim, Sr. Worthing. *(Sai).*

ALGERNON — Que mentiroso tremendo que tu és! Eu não fui chamado a parte nenhuma!

JOÃO — Isso é que tu foste!

ALGERNON — Não ouvi ninguém chamar-me.

JOÃO — Chama-te o teu dever de pessoa digna.

ALGERNON — O meu dever de pessoa digna nunca se intrometeu nos meus divertimentos.

JOÃO — Compreendo-o perfeitamente.

ALGERNON — A Cecília é um amor.

JOÃO — Não me fales assim de Miss Cardew. Não gosto.

ALGERNON — Também eu não gosto desse fato. Estás ridículo. Porque diabo não te vais mudar? É inteiramente pueril andar de luto pesado por um homem que está agora em tua casa a passar uma semana como teu hóspede. Acho isso grotesco.

JOÃO — Tu não vais, com certeza, passar uma semana aqui, nem como hóspede, nem como coisa nenhuma. Tens de partir... no comboio das quatro e cinco.

ALGERNON — Não posso deixar-te enquanto estiveres de luto. Seria um crime de lesa amizade. Suponho que se fosse eu que estivesse de luto, tu ficarias a fazer-me companhia. Não te consideraria meu amigo, se o não fizesses.

JOÃO — E se eu mudar de fato, vais-tz embora?

ALGERNON — Vou, se te não demorares muito. Nunca

vi ninguém levar tanto tempo a vestir-se e com tão fracos resultados.

JOÃO — Sempre ando melhor do que tu, sempre ajanotado demais.

ALGERNON — Se uma vez por outra me esmero no vestuário, compenso esse exagero esmerando-me também na educação.

JOÃO — A tua vaidade é ridícula, o teu procedimento ultrajante e absurda de todo a tua presença no meu jardim. Tens de apanhar o comboio das quatro e cinco e desejo-te muito boa viagem. Desta vez o tal bumburismo, como tu dizes, não correu pelo melhor. *(Sai)*.

ALGERNON — Pelo contrário, acho que correu às mil maravilhas. Eu e a Cecília prendemo-nos de amores, e isso é tudo. *(Entra Cecília ao fundo do jardim. Pega no regador e começa a regar as flores)* Mas preciso de a ver antes de me ir embora e preparar outro Bumbury.

CECILIA — Vinha regar as rosas. Julguei que estivesse com o tio João.

ALGERNON — Foi dar ordens para o carro me vir buscar.

CECILIA — Oh, o tio João vai levá-lo a passear?

ALGERNON — Vai levar-me à estação.

CECILIA — Então temos de nos separar?

ALGERNON — Assim parece. É uma dolorosa separação.

CECILIA — É sempre doloroso separarmo-nos das pessoas que conhecemos há pouco tempo. Pode-se bem suportar a ausência dos velhos amigos. Mas até a separação momentânea de uma pessoa a quem acabamos de ser apresentados é muito desagradável.

ALGERNON — Obrigado. *(Entra Merriman)*.

MERRIMAN — O carro está à porta, senhor Leal. *(Algernon olha suplicante para Cecília)*.

CECILIA — O carro pode esperar, Merriman... mais cinco minutos.

MERRIMAN — Sim menina. *(Sai Merriman)*.

ALGERNON — Espero, Cecília, que a não ofenderei se lhe disser, franca e abertamente, que é para mim a personificação da perfeição absoluta.

CECILIA — A sua lealdade, Leal, fica-lhe muito bem. Se mo permite, vou copiar essas palavras no meu diário. *(Vai para a mesa e começa a escrever no diário)*.

ALGERNON — Tem realmente um diário? Faria tudo para o ver. Dá licença?

CECILIA — Oh, não! *(Tapa-o com a mão)* Bem vê, é um livro em que uma rapariguinha regista as suas impressões e os seus pensamentos. Está destinado, portanto, a ser publicado. Quando aparecer em forma de volume, espero que comprará um exemplar. Mas continue, por favor. Gosto muito que me ditem. Já cheguei à «perfeição absoluta». Pode continuar. Estou pronta para escrever mais. *(Algernon um tanto surpreendido tosse)* Não tussa Leal. Quando se está a ditar deve-se falar fluentemente e não tossir. Além disso eu não sei escrever a tosse. *(Escreve à medida que Algernon fala)*.

ALGERNON *(falando muito depressa)* — Cecília, desde que, pela primeira vez, contemplei a sua maravilhosa e incomparável beleza, ousei amá-la loucamente, apaixonadamente, devotadamente, desesperadamente...

CECILIA — Não me parece que deva amar-me loucamente, apaixonadamente, devotadamente, desesperadamente. Desesperadamente não faz grande sentido, pois não?

ALGERNON — Cecília! *(Entra Merriman)*.

MERRIMAN — O carro está á espera, Senhor Leal.
ALGERNON — Diga-lhe que volte para a semana á mesma hora.
MERRIMAN (*olha para Cecilia que não fez nenhum sinal*)
— Sim, senhor Leal (*Merriman retira-se*).
CECILIA — O tio João ficaria muito aborrecido, se soubessê que o Leal ficava até á semana, á mesma hora.
ALGERNON — Eu não quero saber do tio João. Não quero saber de ninguém no mundo, a não ser de si. Amo-a, Cecilia: Quer casar comigo?
CECILIA — Tonto! É claro que quero. Há três meses que estamos noivos.
ALGERNON — Há três meses?
CECILIA — Sim, faz exactamente três meses na quinta-feira.
ALGERNON — Mas como foi isso?
CECILIA — Bem, desde que o tio João nos confessou que tinha um irmão mais novo que era atravessado e ruim, ficou você, é claro, a ser o assunto principal das conversas entre mim e Miss Prism. E, já se vê, um homem de quem se fala muito é sempre muito atraente. A gente sente que, afinal de contas, deve haver nele qualquer coisa. Foi, decerto, tolice minha; mas o facto é que me apaixonei nessa altura por si.
ALGERNON — Meu amor! E desde quando data, então, o nosso noivado?
CECILIA — Do dia catorze de Fevereiro. Desesperava já por você nem sequer suspeitar da minha existência. Resolvi liquidar o caso de qualquer forma, e, depois duma longa luta comigo mesmo, aceitei-o como noivo, aqui debaixo deste caramanchão. No dia seguinte comprei

este anel em seu nome e aqui está a pulseirinha com o nó dos namorados que eu lhe prometi usar sempre.
ALGERNON — Eu dei-lhe isto? É muito bonito, não é?
CECILIA — É. Você tem um gosto admirável. É a desculpa que eu sempre dei á vida que leva. E aqui está o maço de todas as suas cartas. (*Ajoelha-se á beira da mesa, abre a caixa e tira um maço de cartas atadas com uma fita azul*).
ALGERNON — Cartas minhas! Mas, minha querida Cecilia, eu nunca lhe escrevi nenhuma carta!
CECILIA — Não precisa de me lembrar, Leal. Recordo-me perfeitamente de que fui obrigada a escrever essas cartas por sua conta. Escrevia-me sempre três vezes por semana, e às vezes mais.
ALGERNON — Deixe-mas ler, Cecilia, deixa?
CECILIA — Oh, não, não, não posso! Punham-no muito valdoso! (*Torna a pôr a caixa no seu lugar*) As três que me escreveu depois de eu ter rompido consigo, são tão lindas e têm tantos erros de ortografia que mesmo agora quase as não posso ler sem chorar.
ALGERNON — Mas houve, então, um rompimento entre nós?
CECILIA — Pois houve. No dia vinte e dois de Março. Pode lê-lo, se quiser, anotado no meu diário. (*Mostra o diário*) «Hoje rompi com o Leal. Sinto que é o melhor que tenho a fazer. O tempo continua encantador».
ALGERNON — Mas romper porquê? Que fiz eu? Não fiz absolutamente nada. Cecilia, magoa-me profundamente saber que rompeu comigo. Demais a mais, com um tempo encantador.
CECILIA — Para sermos verdadeiramente noivos, é pre-

ciso haver pelo menos um rompimento. Mas ainda não tinha acabado a semana e já lhe tinha perdoado.

ALGERNON (*aproximando-se dela e ajoelhando*) — Que perfeito anjo é, Cecília!

CECÍLIA — É você é um romântico! (*Ele beija-a, ela passa-lhe os dedos por entre os cabelos*) Este frisado é natural, não é?

ALGERNON — É sim, querida, só com uma leve ajudazinha.

CECÍLIA — Ainda bem.

ALGERNON — Agora nunca mais rompe comigo, prima Cecília?

CECÍLIA — Agora que o encontrei, não me parece possível realmente. Além disso, é claro, há a questão do seu nome.

ALGERNON — Ah, sim... é claro. (*Fica enervado*).

CECÍLIA — Não se ria de mim, querido, mas foi sempre o meu sonho amar um homem que se chamasse Leal (*Algernon levanta-se e Cecília também*) Há nesse nome qualquer coisa que inspira absoluta confiança. Lastimo todas as mulheres dos maridos que não se chamem Leal.

ALGERNON — Mas Cecília, quer dizer que não poderia amar-me se o meu nome fosse outro?

CECÍLIA — Mas que nome?

ALGERNON — Qualquer nome... Algernon... por exemplo.

CECÍLIA — Não gosto desse nome.

ALGERNON — Mas minha querida, meu encanto, não vejo realmente porque não há-de gostar do nome de Algernon. Não é mau nome. Tem, até, o seu quê de aristocrático. Metade dos frequentadores do Tribunal de Falências, chamam-me Algernon. Sèriamente, Cecília...

(*aproximando-se dela*) se eu me chamasse Algy, não poderia gostar de mim?

CECÍLIA (*levantando-se*) — Poderia respeitá-lo, Leal, poderia admirar o seu carácter, mas receio que não pudesse dar-lhe a minha completa afeição.

ALGERNON (*tosse*) — Cecília! — (*Pegando no chapéu*) O Reitor daqui conhece todos os ritos e todas as cerimónias da Igreja, não conhece?

CECÍLIA — É claro que conhece. O doutor Chasuble é um homem muito instruído. Ainda não escreveu livro nenhum e por aí você já pode calcular como é um homem culto.

ALGERNON — Devo ir falar-lhe imediatamente sobre um importantíssimo baptizado — quero dizer: um importantíssimo assunto.

CECÍLIA — Oh!

ALGERNON — Não me demorarei mais de meia hora.

CECÍLIA — Considerando que estamos noivos desde o dia 14 de Fevereiro e que foi hoje a primeira vez que nos encontramos, acho um tanto duro você deixar-me por um espaço de tempo tão grande — meia hora! Não poderia reduzi-lo a vinte minutos?

ALGERNON — Não me demoro nada. (*Beija-a e larga a correr pelo jardim fora*).

CECÍLIA — Que rapaz impetuoso! Gosto tanto do cabelo dele! Devo apontar no diário o seu pedido de casamento. (*Entra Merriman*).

MERRIMAN — Está ali uma senhora chamada Miss Fairfax que deseja falar ao Sr. Worthing. Diz que é por causa de um assunto importante.

CECÍLIA — O Sr. Worthing não está na biblioteca?

MERRIMAN — O Sr. Worthing saiu, há algum tempo, na direcção da Reitoria.

CECILIA — Peça a essa senhora o favor de vir para aqui.
O Sr. Worthing não deve demorar. E pode trazer o chá.

MERRIMAN — Sim, menina. *(Sai)*.

CECILIA — Miss Fairfax! Deve ser uma dessas velhotas que andam associadas com o tio João em algumas das suas obras de caridade. Coisas para dar nas vistas! *(Entra Merriman)*.

MERRIMAN — Miss Fairfax. *(Entra Gwendolen, sai Merriman)*.

CECILIA *(avançando no seu encontro)* — Permita-me que me apresente eu mesma. Chamo-me Cecília Cardew.

GWENDOLEN — Cecília Cardew? *(Aproximando-se e apertando-lhe a mão)* Que lindo nome! Alguma coisa me diz que vamos ser grandes amigas. Já estou a gostar mais de si do que posso dizer. As minhas primeiras impressões das pessoas nunca falham.

CECILIA — Como é gentil assim a gostar tanto de mim tendo-nos conhecido há tão pouco tempo. Faça o favor de se sentar.

GWENDOLEN *(ainda de pé)* — Permite-me que lhe chame Cecília, não é verdade?

CECILIA — Com todo o prazer!

GWENDOLEN — E vai também chamar-me sempre Gwendolen, não é assim?

CECILIA — Se assim o deseja.

GWENDOLEN — Está então combinado.

CECILIA — Muito bem *(Uma pausa. Sentam-se ambas)*.

GWENDOLEN — Talvez seja agora boa ocasião para lhe explicar quem sou. Meu pai é Lord Bracknell. Nunca ouviu falar do papá?

CECILIA — Creio que não.

GWENDOLEN — Fora do âmbito familiar, o papá é inteiramente desconhecido.

Penso que é assim mesmo que se deve ser. A casa é a esfera própria do homem. Logo que um homem começa a menosprezar os seus deveres domésticos, torna-se efeminado, não acha? Eu não gosto disso. Torna-os muito atraentes. Cecília, a mamã, cujas ideias sobre a educação são horrivelmente estritas, criou-me de maneira a ser extremamente míope. Faz parte do seu sistema. Por isso não repara que a observe através do meu *lorgnon*?

CECILIA — Oh, de maneira nenhuma, Gwendolen. Gosto até muito de ser observada por uma lente.

GWENDOLEN *(depois de examinar Cecília cuidadosamente)* — Está aqui de visita?

CECILIA — Não. Moro aqui.

GWENDOLEN *(àsperamente)* — Mora? Sua mãe, sem dúvida, ou alguma parente de idade, também vive aqui?

CECILIA — Não! Não tenho mãe, nem parentes.

GWENDOLEN — Não?

CECILIA — São o meu querido tutor e a simpática Miss Prism quem têm o difícil encargo de olhar por mim.

GWENDOLEN — Disse tutor?

CECILIA — Disse. Eu sou pupila do Sr. Worthing.

GWENDOLEN — É estranho ele nunca me ter dito que tinha uma pupila! Que homem tão reservado! Torna-se de hora a hora mais interessante. Não tenho no entanto muita convicção de que essa notícia me dê grande prazer. *(Levantando-se e indo para junto dela)* Gosto muito de si, Cecília. Fiquei a gostar de si desde o primeiro momento! Mas sou obrigada a dizer que gostaria muito mais se a Cecília fosse... bem, fosse um pouco mais velha do que parece ser... e bastante menos sedutora. De facto, se me permite falar sinceramente...

CECILIA — Fale, por favor fale. Penso que, sempre que se tem alguma coisa desagradável a dizer, se deve ser inteiramente sincera.

GWENDOLEN — Bem, para falar com perfeita sinceridade, Cecilia, desejava que tivesse quarenta e dois anos pelo menos e fosse mais feia do que é habitual na sua idade. O Leal é de um carácter íntegro e austero. É a própria encarnação da verdade e da honra. Seria para ele tão impossível ser desleal como enganar-se a si próprio. Mas até os homens da melhor ténpera são susceptíveis à influência dos encantos físicos alheios. A História Moderna, e até a História Antiga, fornecem-nos muitos e dolorosos exemplos daquilo a que me refiro. Se assim não fosse, seria absolutamente ilegível.

CECILIA — Peço perdão, Gwendolen, mas falou em Leal?

GWENDOLEN — Falei, sim.

CECILIA — É que o meu tutor não é o Sr. Leal Worthing. É o irmão — um irmão mais velho.

GWENDOLEN (*tornando a sentar-se*) — O Leal nunca me disse que tinha um irmão.

CECILIA — Sinto muito participar-lhe que de há muito se não dão bem.

GWENDOLEN — Deve ser essa a explicação. É agora que penso nisso, nunca ouvi nem sequer uma alusão a esse irmão. O assunto parece desagradável à maior parte dos homens. Cecilia, aliviou-me a alma de um grande peso. Estava já a ficar inquieta. Teria sido terrível, se alguma nuvem toldasse uma amizade como a nossa, não é verdade? É claro que a Cecilia tem a certeza absoluta, de que não é o Sr. Leal Worthing o seu tutor?

CECILIA — A absoluta certeza. (*Uma pausa*) Eu é que vou ser tutora dele.

GWENDOLEN — Como?

CECILIA (*com certa timidez*) — Querida Gwendolen, não há razão para guardar segredo entre nós. O jornalzinho cá da terra há-de publicar a notícia para a semana. Eu e o Sr. Leal Worthing vamos casar.

GWENDOLEN (*com toda a delicadeza, levantando-se*) — Minha querida Cecilia, parece-me que haverá um leve equívoco. O Sr. Leal Worthing é meu noivo. A notícia aparecerá no «Morning Post», sábado, o mais tardar.

CECILIA (*com toda a delicadeza, levantando-se*) — Deve realmente haver um mal-entendido. Há precisamente dez minutos que o Leal me propôs casamento. Veja aqui. (*Mostra o diário*).

GWENDOLEN (*examina cuidadosamente o diário com a lorgnette*) — É, sem dúvida, muito curioso pois pediu-me que casasse com ele, ontem às cinco e meia da tarde. Se quiser verificar, tenha a bondade. (*Apresenta-lhe o seu diário*) Nunca viajo sem o meu diário. Deve-se ter sempre uma coisa sensacional para ler no comboio. Sinto muito, querida Cecilia, se a contrario, mas tenho o direito de prioridade.

CECILIA — Penaliza-me muito, querida Gwendolen, que isto seja para si motivo de qualquer sofrimento moral ou físico, mas sinto-me forçada a dizer-lhe que, desde que o Leal lhe propôs casamento, mudou evidentemente de opinião e de intenções.

GWENDOLEN (*meditativa*) — Se o pobre rapaz caiu em qualquer armadilha para fazer uma promessa insensata, considerarei meu dever salvá-lo imediatamente e com mão firme.

CECILIA (*pensativa e triste*) — Seja qual for o engano em que tenha caído, nunca o censurarei por ele, depois de estarmos casados.

GWENDOLEN — Falando de engano, Miss Cardew, quer referir-se a mim? Que presunção! Numa ocasião como esta, é mais do que um dever moral dizer o que se tem na cabeça. É um prazer.

CECILIA — Miss Fairfax, quer sugerir que eu me servi de qualquer estratagem para prender o Leal? Como é que tem essa coragem? Não é o momento para ajustar com muito cuidado a máscara das boas maneiras. Eu, quando se trata duma pá, chamo-lhe uma pá.

GWENDOLEN (*satiricamente*) — Tenho muito gosto em dizer-lhe que nunca vi uma pá. É evidente que os nossos meios sociais são completamente diferentes. (*Entra Merriman seguido de um criado. Traz uma salva, toalha e bandeja. Cecília vai responder, mas a presença dos criados exerce uma influência inibitória que põe fúlas as duas raparigas.*)

MERRIMAN — Sirvo o chá aqui, como de costume, menina?

CECILIA (*rapidamente, em voz calma*) — Sim, como de costume. (*Merriman começa a arrumar as coisas que estão em cima da mesa e a pôr a toalha. Longo silêncio. Cecília e Gwendolen fulminam-se com o olhar.*)

GWENDOLEN — Há por aqui passeios interessantes não há, Miss Cardew?

CECILIA — Do alto de um dos montes aqui dos arredores vêem-se cinco condados.

GWENDOLEN — Cinco condados! Não me interessam. Detesto multidões.

CECILIA (*com suavidade*) — É de certo por isso que mora na cidade? (*Gwendolen morde o lábio e bate nervosamente no pé com a sombrinha.*)

GWENDOLEN (*olhando em volta*) — Que jardim tão bem tratado, Miss Cardew!

CECILIA — Estimo muito que lhe agrade, Miss Fairfax.
GWENDOLEN — Não pensava que no campo houvesse flores.

CECILIA — As flores são aqui tão ordinárias, Miss Fairfax, como é ordinária a gente em Londres.

GWENDOLEN — Não posso compreender como é que alguém consegue viver no campo, se é que alguém que seja alguém cá vive, realmente. O campo para mim é uma maçada.

CECILIA — Isso é o que os jornais chamam depressão agrícola, não é? Creio que a aristocracia está actualmente sofrendo muito desse incômodo. (*Amabilíssima*) Açúcar?

GWENDOLEN (*com sobranceira*) — Não, obrigada. O açúcar já não está na moda. (*Cecília olha numa fúria para ela e deita-lhe na xícara quatro cubos de açúcar.*)

CECILIA (*com dureza*) — Cake ou pão com manteiga?

GWENDOLEN (*muito enfadada*) — Pão com manteiga, se faz favor. Nas melhores casas é raro ver-se cake.

CECILIA (*corta uma grande fatia de cake e põe-na num prato. Gwendolen prova o chá e faz uma careta. Pousa imediatamente a xícara, estende a mão para o pão com manteiga, olha e vê o que lhe serviram. Levanta-se indignada.*)

GWENDOLEN — Encheu-me a xícara de açúcar e, apesar de eu lhe ter pedido claramente pão com manteiga, deu-me uma fatia de cake. Tenho muito bom génio e sou, de meu natural, duma extraordinária brandura, mas previno-a Miss Cardew, que não vá longe demais.

CECILIA (*levantando-se*) — Para salvar o meu pobre, inocente e ingênuo amigo das suas maquinações irei até onde for preciso.

GWENDOLEN — Logo que a vi, desconfiei de si, senti

que era fingida e impostora. Nestas coisas nunca me engano. As minhas primeiras impressões acertam sempre.

CECILIA — Parece, Miss Fairfax, que lhe estou a roubar o seu valioso tempo. Tem, sem dúvida, muitas outras visitas do mesmo gênero, a fazer por estas redondezas. *(Entra João)*.

GWENDOLEN *(Dando com os olhos nele)* — Leal, meu Leal!

JOÃO — Gwendolem! Minha querida! Posso beijá-la?

GWENDOLEN *(recua)* — Um momento! Permite-me que lhe pergunte se prometeu casamento a esta menina? *(Aponta para Cecília)*.

JOÃO *(rindo)* — A Cecílinha! Já se vê que não! Como é que lhe veio uma ideia dessas?

GWENDOLEN — Não prometeu? Então pode! *(Oferece a face)*.

CECILIA *(Muito meiga)* — Eu sabia que devia haver algum engano, Miss Fairfax. A pessoa que tem os braços agora à roda da sua cinta é o meu caro tutor, o Sr. João Worthing.

GWENDOLEN — Como?

CECILIA — Sim senhor, o tio João.

GWENDOLEN *(recuando)* — João! Oh! *(Entra Algernon)*.

CECILIA — O Leal é este.

ALGERNON *(vai direito a Cecília sem reparar em ninguém mais)* — Meu amor! Posso beijá-la?

CECILIA *(recuando)* — Um momento, Leal! Permita-me que lhe pergunte se prometeu casamento a esta menina?

ALGERNON *(olhando em volta)* — A que menina? Deus do Céu! Gwendolen!

CECILIA — Sim! Deus do Céu! A Gwendolen, refiro-me à Gwendolen.

ALGERNON *(rindo)* — É claro que não! Como é que lhe veio uma ideia dessas?

CECILIA — Não prometeu? Então pode. *(Algernon beija-a)*.

GWENDOLEN — Senti que havia um engano, Miss Cardew. Quem agora está a beijá-la é o meu primo Algernon Moncrief.

CECILIA *(desatando-se dos braços de Algernon)* — Algernon! Oh! *(As duas raparigas correm uma para a outra e enlaçam-se como para se protegerem)* Chama-se Algernon?

ALGERNON — Não posso negá-lo.

CECILIA — Oh!

GWENDOLEN — O seu nome é realmente João?

JOÃO *(um tanto altaneiramente)* — Podia negá-lo se quisesse. Podia negar tudo, se me apetecesse. Mas o meu nome é, efectivamente, João. Há muitos anos que me chamo assim.

CECILIA *(para Gwendolen)* — Fomos ambas grosseiramente enganadas.

GWENDOLEN — Minha pobre Cecília!

CECILIA — Minha querida Gwendolen!

GWENDOLEN *(lenta e sèriamente)* — Gostava que nos tratássemos por irmãs, não? *(Abraçam-se. João e Algernon, resmungando, passeiam para diante e para trás)*.

CECILIA *(com certa vivacidade)* — Há só uma pergunta que eu gostava de poder fazer ao meu tutor.

GWENDOLEN — Admirável ideia! Senhor Worthing, há só uma pergunta que eu gostaria de fazer-lhe. Onde está o seu irmão Leal? Estamos ambas noivas do seu

irmão Leal e interessa-nos portanto saber onde é que pára neste momento o seu irmão.

JOÃO (*lenta e hesitantemente*) — Gwendolen, Cecília costuma-me muito ser forçado a dizer a verdade. É a primeira vez na minha vida que me vejo obrigado a uma coisa dessas e não tenho na verdade prática nenhuma. Dir-lhes-ei, no entanto, com toda a franqueza, que não tenho nenhum irmão chamado Leal. Não tenho mesmo irmão nenhum. Nunca na minha vida tive nenhum irmão e, já agora, continuo sem a mínima intenção de o vir a ter.

CECILIA (*surpreendida*) — Não tem irmão nenhum?

JOÃO — Nenhum.

GWENDOLEN (*rapidamente*) — Nunca teve irmão de espécie nenhuma?

JOÃO — Nunca. De espécie nenhuma, Gwendolen.

GWENDOLEN — Parece-me evidente, Cecília, que nenhuma de nós está noiva de ninguém.

CECILIA — Não é situação que agrade a uma rapariga ver-se assim de repente sem noivo...

GWENDOLEN — Vamos lá para dentro. Eles não terão a coragem de vir atrás de nós.

CECILIA — Não. Os homens são muito cobardes, não são? (*Entram. Levam no olhar uma expressão de desprezo*).

JOÃO — É isto a que tu chamas bumburismo, não é?

ALGERNON — É. E que admirável bumburismo! O bumburismo mais admirável de toda a minha vida.

JOÃO — Tu não tens nenhum direito a bumburiar por aqui.

ALGERNON — Absurdo! Um homem tem o direito de bumburiar onde lhe apetecer. Todo o bumburista sério sabe que assim é.

JOÃO — Bumburista sério! Santo Deus!

ALGERNON — Bem, é preciso ser sério em alguma coisa se se quer tirar algum partido da vida. Eu cá sou sério no bumburismo. Em que é que tu és sério é que eu não faço ideia nenhuma. Talvez sejas sério em tudo. És de uma natureza muito trivial.

JOÃO — A única satisfaçãozinha que me resta em toda esta malfadada trapalhada é que o teu amigo Bumbury explodiu, acabou de vez! Nunca mais poderás dar uma fugida à aldeia como até aqui, meu caro Algy. E é bom que assim seja.

ALGERNON — O teu irmão empalideceu bastante, não é verdade querido João? Não poderás agora ir a Londres tantas vezes como era costume. E também não é mau que isso assim seja.

JOÃO — Quanto ao teu procedimento para com Miss Cardew, devo dizer que é absolutamente indesculpável enganares uma rapariga suave, simples e inocente como ela. Não falando do facto de ser minha pupila.

ALGERNON — Não encontro defesa nenhuma para o facto de tu iludires uma rapariga tão distinta, tão inteligente, com tanta prática da vida como Miss Fairfax. Não falando do facto de ela ser minha prima.

JOÃO — Queria casar com a Gwendolen, nada mais. Amo-a!

ALGERNON — Pois eu também queria casar com a Cecília, nada mais. Adoro-a.

JOÃO — Com certeza te não casas com Miss Cardew.

ALGERNON — Não vejo grande possibilidade de conseguires casar com Miss Fairfax.

JOÃO — Isso não é contigo.

ALGERNON — Se não fosse, não falaria no assunto. (*Começa a comer sonhos*) É muito deselegante falar das vidas alheias. Só gente no género dos corretores

da Bolsa fazem uma coisa dessas. E só o fazem à hora de jantar por falta de uma comida decente.

JOÃO — Como podes estar aí sossegadamente sentado a comer sonhos quando estamos tão atrapalhados, é que não posso compreender. És um tipo inteiramente insensível.

ALGERNON — Não se podem comer sonhos com excitação. O molho cai nos punhos. Os sonhos devem-se comer sempre com toda a calma.

JOÃO — É uma prova de insensibilidade comer sonhos nesta ocasião, seja de que maneira for.

ALGERNON — Quando alguma coisa me preocupa o que me consola é comer. Efectivamente, como todos os que intimamente me conhecem te dirão, quando estou aflito recuso tudo excepto comer e beber. Agora como sonhos porque me sinto infeliz. Além disso, gosto imenso de sonhos. *(Levanta-se)*.

JOÃO *(levantando-se)* — Isso não é razão para os comeres todos com essa sofreguidão. *(Tira os sonhos a Algernon. Oferecendo-lhe o cake)*. Com a breca! Suponho que uma pessoa tem o direito de comer os seus próprios sonhos no seu próprio jardim.

ALGERNON — Disseste agora mesmo que comer sonhos era dar provas de grande insensibilidade.

JOÃO — Disse que tu é que davas provas de insensibilidade comendo-os nestas circunstâncias. É inteiramente diferente.

ALGERNON — Talvez. Mas os sonhos são os mesmos. *(Tira a João o prato dos sonhos)*.

JOÃO — Algy, o que eu queria é que te fosses embora.

ALGERNON — Tu não me podes pedir que me vá embora sem jantar. É absurdo. Eu nunca saio sem jantar. Ninguém sai sem jantar, a não ser os vegetarianos e

outros doidos semelhantes. Além disso combinei com o Dr. Chasuble baptizar-me às seis menos um quarto com o nome de Leal.

JOÃO — Quanto mais depressa te deixares dessas tolices, melhor. Eu combinei com o Dr. Chasuble baptizar-me às cinco e meia e receberei naturalmente o nome de Leal. É o desejo da Gwendolen. Não podemos ficar ambos com o mesmo nome. É tolo. Além disso, eu tenho todo o direito de ser baptizado como me apetece. Não há prova nenhuma de já ter sido baptizado. Acho muito provável nunca o ter sido e o Dr. Chasuble é da mesma opinião. O teu caso é inteiramente diferente. Tu já foste baptizado.

ALGERNON — Talvez, mas há muitos anos.

JOÃO — Mas já foste baptizado. Isso é que importa.

ALGERNON — Não te preocupes. Aguardo perfeitamente a repetição. Se não tens inteira certeza de já teres sido baptizado, devo dizer-te que acho perigoso arriscares-te a uma coisa dessas neste momento. Podia fazer-te mal. Não podes esquecer que um teu parente muito próximo esteve quase a morrer, esta semana em Paris, em consequência de uma pneumonia.

JOÃO — Mas tu disseste que as pneumonias não são hereditárias.

ALGERNON — Dantes não eram, — parece-me que o são agora. A ciência está sempre a fazer novas descobertas.

JOÃO *(pegando no prato dos sonhos)* — Novo disparate. Estás sempre a dizer disparates.

ALGERNON — Lá estás tu outra vez com os sonhos! Deixa isso! Já só há dois *(Pega neles)*. Disse-te que gostava imenso de sonhos.

JOÃO — Mas eu detesto a invenção do cake.

ALGERNON — Então porque é que consentes que sirvam *cake* às tuas visitas? Que ideia fazes tu da hospitalidade?

JOAO — Algernon! Já te disse que te fosses embora. Não te quero aqui. Porque te não vais embora?

ALGERNON — Ainda não acabei de tomar chá... e ainda resta um sonho. Deixa-me! (*João deixa-se cair numa cadeira. Algernon continua a comer.*)

PANO

QUANTO IMPORTA SER LEAL

3.º ACTO

Pequena sala de estar em Manor House. A janela, Gwendolen e Cecília, olhando para o jardim.

GWENDOLEN — Vê? Não nos seguiram como outros teriam feito. Isto parece-me provar que ainda têm um resto de vergonha.

CECÍLIA — Têm estado a comer sonhos. É como um acto de contricção.

GWENDOLEN (*após uma pausa*) — Parece nem sequer saberem que estamos aqui. Não podia tossir?

CECÍLIA — Não ando com tosse.

GWENDOLEN — Estão a olhar para nós. Que desca-ramento!

CECÍLIA — Vêm aí. São muito atrevidos.

GWENDOLEN — Conservemos um silêncio digno.

CECÍLIA — Decerto. Agora já não há outra coisa a fazer.

(*Entra João seguido de Algernon. Assobiam.*)

GWENDOLEN — Este silêncio digno parece produzir mau efeito.

CECÍLIA — De péssimo gosto!

GWENDOLEN — Não vamos ser nós as primeiras a falar.

CECÍLIA — Com certeza.

GWENDOLEN — Sr. Worthing, tenho uma pergunta particular a fazer-lhe. Muitas coisas dependem da sua resposta.

CECÍLIA — Gwendolen, o seu bom senso é admirável. Vá, Sr. Moncrief, responda por favor. Para que fingiu ser irmão do meu tutor?

ALGERNON — Para ter um ensejo de me encontrar consigo.

CECÍLIA (para Gwendolen) — A explicação parece satisfatória, não parece?

GWENDOLEN — Para quem possa acreditar nela.

CECÍLIA — Eu não acredito. Mas isso não diminui a beleza da resposta.

GWENDOLEN — Concordo. Em questões de importância é o estilo que é importante, não a sinceridade. Sr. Worthing, que explicação me pode dar para o facto de fingir ter um irmão? Era para ter ocasião de vir à cidade visitar-me tantas vezes quantas fosse possível?

JOÃO — Pode pô-lo em dúvida, Miss Fairfax?

GWENDOLEN — Tenho as mais graves dúvidas. Mas tenciono perdê-las. Nada justificaria agora um frio cepticismo germânico, Cecília. As explicações parecem satisfatórias, principalmente a do Sr. Worthing.

CECÍLIA — A mim satisfaz-me mais o que disse o Sr. Moncrief. Basta só a sua voz para fazer nascer uma confiança absoluta.

GWENDOLEN — Entende então que lhes devemos perdoar?

CECÍLIA — Sim. Quero dizer, não.

GWENDOLEN — É verdade! Tinha-me esquecido. Estão em causa princípios de que se não pode abdicar. Qual de nós lhes dirá? Não é tarefa agradável.

CECÍLIA — Não poderíamos falar ambas ao mesmo tempo?

GWENDOLEN — Excelente ideia! Eu falo quase sempre ao mesmo tempo do que as outras pessoas. Quer que eu dê o sinal?

CECÍLIA — Sem dúvida. (Gwendolen marca o compasso com o dedo erguido).

GWENDOLEN e CECÍLIA (falando ao mesmo tempo) — Os seus nomes de baptismo são ainda uma barreira insuperável. Nada mais!

JOÃO e ALGERNON (falando ao mesmo tempo) — Os nossos nomes de baptismo! Só isso? Mas nós vamos baptizar esta tarde.

GWENDOLEN (para João) — Por minha causa está disposto a fazer isso?

JOÃO — Estou.

CECÍLIA (para Algernon) — Para me agradar está pronto a tanto?

ALGERNON — Estou!

GWENDOLEN — Como é absurdo falar na igualdade dos sexos! Em questões de sacrificio pessoal, os homens são-nos infinitamente superiores.

JOÃO — É verdade que somos (João e Algernon apertam-se as suas mãos).

CECÍLIA — Têm momentos de coragem física que nós mulheres desconhecemos absolutamente.

GWENDOLEN (para João) — Meu amor!

ALGERNON (para Cecília) — Meu amor! (Caem nos braços uns dos outros. Entra Merriman. Ao entrar, vendo a situação, tosse com estrondo).

MERRIMAN (depois da tosse) — Lady Bracknell!

JOÃO — Deus do Céu! (Entra Lady Bracknell. Os pares colhidos de surpresa separam-se a toda a pressa. Sai Merriman).

LADY BRACKNELL — Gwendolen! Que significa isto!

GWENDOLEN — Apenas que vou casar com o Sr. Worthing, mamã.

LADY BRACKNELL — Vem cá. Senta-te imediatamente. Toda e qualquer hesitação é indício, nos novos, de decadência, nos velhos, de fraqueza. (*Volta-se para João*) A sua criada informou-me, mediante umas moedas que lhe ganharam a confiança, da súbita fuga da minha filha. Segui-a imediatamente num comboio de mercadorias. O pai, folgo em dizê-lo, supõe-me assistindo a uma conferência; mais longa do que o costume, sobre as vantagens dum imposto permanente sobre o Pensamento, num Instituto Universitário. Não tenciono desenganá-lo. Nunca o desenganei de coisa nenhuma porque acho errado fazê-lo. Mas julgo que o senhor compreenderá que, deste momento em diante, toda e qualquer comunicação entre si e a minha filha deve cessar imediatamente. Neste ponto, como em todos os pontos, sou inteiramente inabalável.

JOÃO — Lady Bracknell, eu vou casar com Gwendolen.

LADY BRACKNELL — Isso é que o senhor não vai.

E agora o Algernon... Algernon!

ALGERNON — Tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Posso perguntar-te se é nesta casa que reside o teu entrevado, o tal senhor Bumbury?

ALGERNON (*gaguejando*) — Não! O Bumbury não mora aqui. O Bumbury actualmente está noutra região. O que o Bumbury fez foi... morrer!

LADY BRACKNELL — Morreu? Quando morreu o senhor Bumbury? Deve ter sido uma morte extremamente súbita?

ALGERNON (*acrememente*) — Matei-o esta tarde. Quero dizer: o Bumbury morreu esta tarde.

LADY BRACKNELL — De que morreu?

ALGERNON — O Bumbury? De uma explosão.

LADY BRACKNELL — Explosão? Foi vítima de algum atentado? Não sabia que se interessava pelas questões sociais. Sendo assim, foi muito bem castigado, dada a morbidez que revelam tais preocupações.

ALGERNON — Não, tia Augusta. Eu não me expliquei bem. O Bumbury foi vítima de uma descoberta — os médicos descobriram que não podia viver... por isso morreu.

LADY BRACKNELL — É seguir demasiadamente à risca a opinião dos médicos! Folgo muito, no entanto, que ele se tenha, por fim, decidido a fazer alguma coisa. E agora que, finalmente, estamos livres da sua paralisia, posso perguntar-lhe, senhor Worthing, quem é aquela menina cuja mão meu sobrinho segura com um cuidado que me parece desnecessário?

JOÃO — Aquela senhora é a minha pupila, Miss Cecilia Cardew. (*Lady Bracknell baixa friamente a cabeça a Cecilia*).

ALGERNON — Vou casar com a Cecilia, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — O quê?

CECILIA — O senhor Moncrief e eu vamos casar, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL (*com um arrepio, indo sentar-se no sofá*) — Não percebo o que haverá no ar deste recanto de Hertfordshire. Deve ser muito excitante. O número de casamentos aqui planeados excede consideravelmente a média das estatísticas. Penso que não seria descabida da minha parte uma investigação preliminar, senhor Worthing. Esta menina também se liga com alguma das estações do caminho de ferro de Londres? Desejava apenas informar-me. Até ontem ignorava absolutamente que houvesse famílias ou pessoas cuja

origem fosse uma gare. (João está furioso mas contém-se).

JOÃO (com voz clara e firme) — Miss Cardew é neta do falecido senhor Tomás Cardew, da Praça Belgrave, número cento e quarenta e nove, de Gervase Park, Dorking, no Surrey, e de The Sportan no Fireshire.

LADY BRACKNELL — Está bem. Três endereços inspiram confiança até no alto comércio. Mas que provas tenho eu da sua autenticidade?

JOÃO — Conservei cuidadosamente os anuários da época. Estão à sua disposição, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL (carrancuda) — Já se têm cometido graves erros nessa publicação.

JOÃO — Os solicitadores da família Cardew são os senhores «Markby, Markby and Markby».

LADY BRACKNELL — Markby, Markby and Markby? Uma firma da melhor respeitabilidade. Ouvi dizer que um dos Markby janta muito em casas de gente de bem. Até aqui estou satisfeita.

JOÃO (irritadíssimo) — É muito amável, Lady Bracknell! Tenho também em meu poder certidões de nascimento, de baptismo, atestados de «coqueluche», do registo, da vacina, da confirmação e do sarampo de Miss Cardew.

LADY BRACKNELL — Vejo que teve uma vida acidentada, embora um pouco excitante de mais para uma rapariga. Por mim não sou a favor de experiências prematuras. (Levanta-se, consulta o relógio) — Gwendolen! São horas de nos irmos embora. Não temos um momento a perder. Por mera formalidade, senhor Worthing, queria perguntar-lhe se Miss Cardew tem alguma fortuna.

JOÃO — Apenas umas cento e trinta mil libras em fundos

públicos. Adeus, Lady Bracknell. Tive muito prazer em vê-la.

LADY BRACKNELL (Torna a sentar-se) — Um momento, Sr. Worthing. Cento e trinta mil libras! E em fundos públicos! Miss Cardew parece-me uma pequena encantadora, agora que a vejo melhor. Poucas raparigas têm predicados tão sólidos e tão capazes de durar e se aperfeiçoar com o tempo. Vivemos, pesa-me dizê-lo, numa época de superficialidade. (Para Cecília) Venha cá, minha querida! (Cecília aproxima-se) É linda! O seu vestido é demasiadamente simples e o seu cabelo anda quase como quer a natureza. Breve modificaremos isso tudo. Há uma francesinha hábil e com grande prática, capaz de fazer milagres. Lembro-me de que a recomendei em tempos a Lady Lancing e daí a três meses já o marido a não conhecia.

JOÃO — Daí a seis meses não a conhecia ninguém.

LADY BRACKNELL (Encara João por uns momentos. Depois inclina-se, com um sorriso artificioso, para Cecília). — Tenha a bondade de se virar. (Cecília dá uma volta completa) Não. Quero vê-la de lado. (Cecília mostra-se de perfil) É tal qual o que eu esperava. Há evidentemente, no seu perfil, possibilidades sociais. Os dois pontos fracos da nossa época são a falta de princípios e a falta de perfil. O queixo é um pouquinho mais alto, querida. O estilo depende muito do modo como se traz o queixo. A moda agora é trazê-lo muito alto. Algernon!

ALGERNON — Tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Há evidentes possibilidades sociais no perfil de Miss Cardew.

ALGERNON — Cecília é a mais meiga, a mais encantadora, a mais linda rapariga do mundo inteiro. Não

me importo nada com as possibilidades sociais do seu perfil.

LADY BRACKNELL — Nunca fales com falta de respeito pela sociedade, Algernon. Só quem nela não pode entrar é que fala assim. *(Para Cecília)* Minha filha, é claro que o Algernon não tem senão dívidas. Eu casei com Lord Bracknell sem ter fortuna pessoal, nem por um momento isso me preocupou. Por isso creio que devo consentir neste casamento.

ALGERNON — Muito obrigado, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Pode beijar-me, Cecília.

CECILIA *(beijando-a)* — Muito obrigada, Lady Bracknell.

LADY BRACKNELL — Daqui por diante trate-me também por tia Augusta.

CECILIA — Obrigada, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Penso que seria melhor não demorar o casamento.

ALGERNON — Muito obrigado, tia Augusta.

CECILIA — Muito obrigada, tia Augusta.

LADY BRACKNELL — Para falar francamente, não sou nada partidária de longos noivados. Dão aos noivos o ensejo de conhecerem o carácter um do outro antes do casamento, o que é extremamente inconveniente.

JOÃO — Peço perdão por ter de a interromper, Lady Bracknell, mas este casamento não pode realizar-se. Eu sou tutor de Miss Cardew e ela não pode casar sem o meu consentimento, enquanto não atingir a maioridade. Esse consentimento, recuso-me terminantemente a dá-lo.

LADY BRACKNELL — Com que fundamento, permite que lhe pergunte? O Algernon é um rapaz muitíssimo elegível. Não tem nada, não sabe nada, mas é distintíssimo. Que mais pode desejar?

JOÃO — Penaliza-me muito ter de lhe falar sem rodeios

acerca do seu sobrinho, Lady Bracknell, mas o facto é que não me agrada nada o seu carácter moral. Suponho que é mentiroso. *(Algernon e Cecília olham para ele com espanto)*.

LADY BRACKNELL — Mentiroso! O meu sobrinho Algernon! É impossível! Ele andou na Faculdade de Direito.

JOÃO — E isso leva a não poder haver dúvidas a tal respeito? Esta tarde, durante a minha ausência temporária em Londres, por motivos sentimentais, consegui penetrar em minha casa sob o falso pretexto de ser meu irmão. Debaixo de um nome inventado, bebei, acabo de o saber pelo mordomo, uma garrafa inteira do meu Perrier-Jonet, 1889, um vinho que reservava especialmente para mim. Continuando os seus manejos ignóbeis, consegui, no decorrer da tarde, chamar a si o afecto da minha única pupila. Ficou para o chá e comeu-me os sonhos todos. E o que torna ainda mais condenável o seu procedimento, é que ele sabia perfeitamente que não tenho irmão nenhum, que nunca tive, nem tenciono ter irmão de qualidade nenhuma. Tinha-lho dito claramente ontem à tarde.

LADY BRACKNELL *(tosse)* — Sr. Worthing, depois de madura ponderação decidi fechar os olhos ao procedimento do meu sobrinho.

JOÃO — Isso é muito generoso da sua parte, Lady Bracknell. A minha decisão, porém, é inalterável. Recuso-me a dar o meu consentimento.

LADY BRACKNELL *(para Cecília)* — Venha cá, querida filha. *(Cecília aproxima-se)* Que idade tem?

CECILIA — Eu só tenho de facto dezoito anos, mas quando vou aos bailes, digo sempre que tenho vinte.

LADY BRACKNELL — Acho absolutamente razoável essa

alteração. Nenhuma mulher deve ser, no que respeita a idade, de uma exactidão rigorosa. Dá uma impressão matemática que é desagradável. (*Meditativa*) Dezoito, mas indo até vinte nos bailes... Bem. Não falta muito para chegar à maioridade e ficar livre das restrições da tutela. Por isso não me parece que o consentimento do seu tutor seja, afinal, coisa de grande importância.

JOÃO — Peço perdão, Lady Bracknell, por ter de a interromper de novo, mas devo dizer-lhe que, nos termos do testamento do seu avô, Miss Cardew só se considerará legalmente maior, quando fizer trinta e cinco anos.

LADY BRACKNELL — O obstáculo não me parece grave. Trinta e cinco anos é uma idade muito interessante. A sociedade de Londres está cheia de mulheres das melhores famílias que, por sua conta e risco, estacionaram há anos, nos trinta e cinco. Lady Dumbleton é disso exemplo: tem trinta e cinco anos desde que fez quarenta, o que já lá vai há muito tempo. Não vejo razão para a nossa querida Cecília não ser ainda mais atraente na idade que o senhor diz, do que é neste momento. E estará, além disso, nessa altura, muitíssimo aumentado o seu capital.

CECÍLIA — Algy, podia esperar por mim até eu fazer trinta e cinco anos?

ALGERNON — É claro que podia, Cecília. Sabe que sim.

CECÍLIA — Sabia-o sem que mo dissesse, mas eu é que não posso esperar tanto tempo. Detesto esperar por alguém nem que sejam cinco minutos. Aborrece-me imenso. Por mim, não sou pontual, mas gosto da pontualidade nos outros e não espero por ninguém neste mundo, ainda que seja para casar.

ALGERNON — Então que se há-de fazer Cecília?

CECÍLIA — Não sei, Algernon.

LADY BRACKNELL — Meu caro Sr. Worthing, como Miss Cardew afirma peremptoriamente que não pode esperar até fazer trinta e cinco anos — afirmação que, devo dizer, me parece reveladora duma natureza demasiado impaciente — peço-lhe a fineza de reconsiderar.

JOÃO — Lady Bracknell, tem nas suas mãos a solução deste caso. Desde que consinta no meu casamento com a Gwendolen, com o maior prazer anuirei ao do seu sobrinho com a minha pupila.

LADY BRACKNELL (*levantando-se formalizada*) — O senhor deve saber que o que me propõe é absolutamente impossível.

JOÃO — Então nada nos resta senão o celibato.

LADY BRACKNELL — Não é esse o destino que reservo à Gwendolen. O Algernon, pode escolher por si. (*Puxa do relógio*) Vamos querida. (*Gwendolen levanta-se*) Já perdemos seis comboios. Perder outro seria expor-mo-nos a comentários na estação. (*Entra o Dr. Chasuble*).

CHASUBLE — Está tudo pronto para os baptizados.

LADY BRACKNELL — O senhor fala em baptizados! Não será um pouco cedo demais?

CHASUBLE (*bastante intrigado e apontando para João e Algernon*) — Ambos estes senhores mostraram desejo de serem baptizados imediatamente.

LADY BRACKNELL — O senhor fala em baptizados? Algernon, proibo-te que te baptizes. Não quero ouvir falar em tal excesso. Lord Bracknell ficaria muito penalizado se soubesse que assim desperdiçavas o tempo e o dinheiro.

CHASUBLE — Devo concluir que os baptizados não se realizam?

JOÃO — Parece-me que, no ponto em que estão as coisas, o baptizado não teria grande utilidade para qualquer de nós, Dr. Chasuble.

CHASUBLE — Pesa-me muito ouvi-lo exprimir tais sentimentos, Sr. Worthing. Parecem-me influenciados pelas ideias heréticas dos Anabaptistas, ideias que eu cabalmente refutei em quatro dos meus sermões ainda inéditos. Todavia, como essa atitude se apoia em doutrina de raízes clássicas, volto para a igreja imediatamente. Recebi agora recado de que está lá Miss Prism à minha espera, há hora e meia.

LADY BRACKNELL (*estremecendo*) — Miss Prism? Falou em Miss Prism?

CHASUBLE — Falei sim, Lady Bracknell. Vou ter com ela.

LADY BRACKNELL — Faça favor de demorar-se mais um momento. Isto pode ter uma importância capital para Lord Bracknell e para mim. Essa Miss Prism é uma mulher de aspecto repugnante, vagamente professora de meninas?

CHASUBLE (*com certa indignação*) — Miss Prism é uma senhora cultíssima e a respeitabilidade personificada.

LADY BRACKNELL — Trata-se da mesma pessoa. Permita-me que lhe pergunte qual é a situação dela em sua casa?

CHASUBLE (*rispidamente*) — Sou solteiro minha senhora!

JOÃO (*intervindo*) — Miss Prism, Lady Bracknell, é, há três anos, perceptora e dama de companhia de Miss Cardew.

LADY BRACKNELL — Preciso de vê-la imediatamente. Mandem chamá-la.

CHASUBLE (*olhando para fora*) — Não será preciso, ela vem aí. (*Entra Miss Prism a toda a pressa*).

MISS PRISM — Disseram-me, meu caro cônego, que me

esperava na sacristia. Esperei-o lá uma hora e três quartos. (*Dá com os olhos em Lady Bracknell que a fita com um olhar de pedra. Miss Prism empalidece e olha em volta cheia de medo, como que ansiosa por fugir*).

LADY BRACKNELL (*Em voz ríspida*) Prism! (*Miss Prism baixa a cabeça envergonhada*) Venha cá, Prism! (*Miss Prism aproxima-se humildemente*) Prism! Onde está aquella criança? (*Consternação geral. O cônego recua, horrorizado. Algernon e João fazem menção de querer impedir Cecília e Gwendolen de ouvir os pormenores de um escândalo*) Há vinte e cinco anos, Prism, saiu de casa de Lord Bracknell em Upper Grosvenor, número cento e quatro, levando um carrinho com um menino dentro. Nunca mais voltou. Algumas semanas depois a polícia descobriu o carrinho, à meia-noite, abandonado num recanto de Bayswater. Vinha dentro o manuscrito de um romance em três volumes de um sentimentalismo revoltante (*Miss Prism estremece de involuntária indignação*) A criança, porém, não apareceu. (*Olham todos para Miss Prism*) Prism! Onde está essa criança? (*Uma pausa*).

MISS PRISM — Lady Bracknell, confesso com vergonha que não sei. Quem me dera sabê-lo. O caso passou-se assim: Na manhã desse dia, para sempre gravado na minha memória, preparei-me, como de costume, para levar o menino ao passeio. Trazia comigo uma mala de mão, já velha, mas espaçosa, na qual tencionava meter o manuscrito de uma obra de imaginação que escrevera durante as minhas horas vagas. Num momento de distração, de que me não posso perdoar, puz o manuscrito no carrinho e meti o menino na mala.

JOÃO (*que tem estado a escutar atentamente*) — E onde pôs a mala?

MISS PRISM — Não me pergunte, Sr. Worthing.

JOÃO — Miss Prism, isto é um assunto da máxima importância para mim. Insisto em saber onde pôs a mala em que meteu essa criança.

MISS PRISM — Deixei-a no vestiário de uma das estações de Londres.

JOÃO — Que estação?

MISS PRISM (*sucumbida*) — A estação de Vitória. Linha de Brighton. (*Deixa-se cair aniquilada*).

JOÃO — Tenho de ir num instante ao meu quarto. Gwendolen, espere aqui por mim.

GWENDOLEN — Se não se demorar muito, esperarei aqui por si toda a minha vida (*Sai João muito excitado*).

CHASUBLE — Que lhe parece que isto significa, Lady Bracknell?

LADY BRACKNELL — Nem quero que me pareça significar coisa nenhuma, Dr. Chasuble. É quase escusado dizer-lhe que em famílias de categoria não devem ocorrer estranhas coincidências. Consideram-se de mau gosto. (*Ruídos no andar superior, como se andassem a remover malas e a atirá-las ao chão. Todos olham para o tecto*).

CECILIA — O tio João parece muito agitado.

CHASUBLE — O seu tutor é de uma natureza muito emotiva.

LADY BRACKNELL — Este barulho é extremamente desagradável. Parece que se está a inventar um argumento. Detesto toda a espécie de argumentos. São sempre ordinários e quase sempre convincentes.

CHASUBLE (*olhando para o tecto*) — Parou agora. (*O barulho redobra*).

LADY BRACKNELL — Quem me idera que ele chegue a a qualquer conclusão!

GWENDOLEN — Esta expectativa é terrível. Espero que dure (*Entra João com uma mala de cabedal preto na mão*).

JOÃO (*correndo para Miss Prism*) — É esta a mala, Miss Prism? Examine-a cuidadosamente antes de falar. Da sua resposta depende a felicidade de mais de uma pessoa.

MISS PRISM (*serenamente*) — Parece ser a minha mala... Sim. Aqui tem a esfoladela que apanhou num omnibus da rua Corver, em tempos ditosos que já lá vão há muito. Esta nódoa no forro, foi causada por se ter partido um frasco em Lemington. E aqui na fechadura estão as minhas iniciais... Tinha-me já esquecido que tinha as minhas iniciais. É. Esta mala é a minha. Estou contentíssima por tê-la encontrado tão inesperadamente. Tem-me feito imensa falta.

JOÃO (*em voz patética*) — Miss Prism, não é só a sua mala que encontrou. O menino que nela lia, era eu.

MISS PRISM (*estupefacta*) — O senhor?

JOÃO (*abraçando-a*) — Sim... mãe!

MISS PRISM (*recuando indignada e espantada*) — Senhor Worthing! Eu sou solteira!

JOÃO — Solteira! A informação não me dá grande gosto. Mas afinal a quem pertence o direito de menosprezar quem sofreu? Não pode o arrependimento redimir um acto de loucura? Porque há-de haver uma lei para os homens e outra para as mulheres? Mãe, eu perdoo-lhe! (*Tenta abraçá-la de novo*).

MISS PRISM (*ainda mais indignada*) — Senhor Worthing, o senhor está enganado. (*Apontando para Lady Bracknell*) Aquela senhora é que pode dizer quem o senhor é realmente.

JOÃO (*após uma pausa*) — Lady Bracknell, não gosto de

a maçar com perguntas, mas quer ter a bondade de me dizer quem sou eu?

LADY BRACKNELL — Receio que não lhe dê muito prazer o que tenho a dizer-lhe. Você é filho da minha pobre irmã, Mrs. Moncrief e por conseguinte o irmão mais velho de Algernon.

JOÃO — Irmão mais velho de Algy! Então sempre tenho um irmão! Eu bem sabia que tinha um irmão! Sempre disse que tinha um irmão! Cecília, como pudeste duvidar que eu tinha um irmão? (*Agarra Algernon*). Dr. Chasuble, o meu infeliz irmão, Miss Prism, o meu infeliz irmão, Gwendolen, o meu infeliz irmão. Algernon, patife, daqui por diante tens que me tratar com mais respeito. Em toda a tua vida nunca procedeste comigo como com um irmão.

ALGERNON — Até aqui, não, meu velho. Confesso. Contudo fiz o que pude, apesar da minha falta de prática. (*Aperta a mão a João*).

GWENDOLEN — Meu...! Mas... meu quê? Qual é, afinal, o seu nome de baptismo, depois de tudo isto?

JOÃO — Deus do Céu!... Tinha-me já esquecido inteiramente desse pormenor. A sua decisão a tal respeito continua irrevogável?

GWENDOLEN — Eu nunca mudo, excepto nas afeições.

CECILIA — Que nobre natureza a sua, Gwendolen!

JOÃO — Então o melhor era pôr tudo em pratos limpos. Tia Augusta, um momento. Quando Miss Prism me deixou na mala, eu já estava baptizado?

LADY BRACKNELL — Tinhas tido todos os luxos que se podem comprar com dinheiro, incluindo o baptismo.

JOÃO — Então eu fui baptizado! Já se vão esclarecendo as coisas. E que nome me puseram? Estou preparado para o pior.

LADY BRACKNELL — Como eras o mais velho, puseram-te, naturalmente, o nome de teu Pai.

JOÃO (*irritadamente*) — E como se chamava o meu Pai?

LADY BRACKNELL (*meditativamente*) — Não posso agora recordar-me do nome de baptismo do general. Mas não duvido que o tivesse, embora fosse um excêntrico. Essa excentricidade acentuou-se, no entanto, mais nos últimos anos. Era consequência do clima da Índia, do casamento, das más digestões e de outras coisas do género.

JOÃO — Algy, não te lembras do nome de baptismo do nosso pai?

ALGERNON — Nós nem sequer chegámos a falar. Ele morreu ainda eu não tinha um ano.

JOÃO — O nome dele deve vir nos Anuários do Exército para a época, não é verdade tia Augusta?

LADY BRACKNELL — O general era essencialmente um homem de paz, excepto na vida doméstica. Mas creio que o seu nome, apesar disso, deve figurar nesses anuários.

JOÃO — Estão aqui os anuários dos últimos quarenta anos. (*Vai à estante*). Devia ter aplicado uma atenção constante a estes calhamaços... Generais Mallam, Magley... que nomes tenebrosos... Markby, Motts... Moncrief! Capitão - Major - Tenente - Coronel. General em 1869. Primeiros nomes: João Leal. (*Pousa o livro e sai com uma grande calma*). Eu sempre te disse, Gwendolen, que me chamava Leal, não é verdade? E é Leal que eu me chamo, afinal de contas... ou melhor, naturalmente.

LADY BRACKNELL — É verdade! Lembro-me agora que o general se chamava Leal. Eu sabia que havia uma razão especial para não gostar desse nome.

GWENDOLEN — Leal! Meu Leal! Sabia, meu amor,
que não podia chamar-te de outro modo!

JOÃO — Gwendolen, é uma coisa terrível para um homem
descobrir, de repente, que toda a sua vida não disse
senão a verdade. Podes perdoar-me?

GWENDOLEN — Posso, pois tenho a certeza de que
hás-de mudar.

JOÃO — Meu amor!

CHASUBLE — Amor chama amor. (*Para Miss Prism*).
Leticia! (*Abraça-a*).

MISS PRISM (*entusiasmada*) — Frederico! Até que enfim!

ALGERNON — Cecília (*Abraça-a*). Até que enfim!

JOÃO — Gwendolen (*Abraça-a*). Até que enfim!

LADY BRACKNELL — Estás a dar mostras de uma hor-
renda falta de originalidade, meu sobrinho! Isso é
ordinário.

JOÃO — Ordinário, não. Extraordinário, tia Augusta. Só
agora percebi a extraordinária importância de me cha-
mar Leal.

PANO